

Os 80 anos de Renato Carneiro Campos fazem repensar o Recife visto pelo cronista



GALERIA



INDIO SAN

“Gosto das composições panorâmicas e despretenciosas, porque quase sempre dão um resultando interessante. Gosto também de explorar os volumes, focos e profundidades, para obter uma realidade espacial distorcida da cena ou objeto”. Conheça mais o trabalho de Indio San pelos endereços :
<http://indiosan.com>
http://flickr.com/photos/indio_san
<http://pastoreio.org>

CARTA DO EDITOR

Um dos compromissos do Pernambuco é o de flagrar e documentar a Literatura contemporânea. E pouca gente é tão contemporânea, tão atual, quanto o cronista Renato Carneiro Campos. Falecido em 1977 e sem qualquer um dos seus livros em circulação, ele deixou um legado de textos que ainda soluciona o Recife. Para toda uma nova geração, seu nome é sempre ligado à cor amarela, que inspirou o filme *Amarelo manga*, de Claudio Assis, que levou às telas um Recife sujo, suado, mas ainda assim vivo, vivíssimo. Um Recife reconhecível, para além da capital de shoppings que ele se tornou nas últimas décadas.

Para lembrar os 80 anos de Renato, reunimos um time para reencontrar seu Recife amarelado. Primeiro, a fotógrafa Mariana Guerra percorreu o centro e os subúrbios para flagrar a capital das suas crônicas que ainda insiste em permanecer entre nós. E permanece tanto que sua circulação rendeu quase uma centena de instantâneos. O jornalista e escritor Fellipe Fernandes, que conheceu a obra de Renato após o sucesso de *Amarelo manga*, escreveu uma espécie de carta para o cronista, uma carta meio que assombrada entre o passado e o futuro. “Dessa maneira, o Recife que tu teimavas em retratar foi pouco a pouco acochado por muros altos e calçadas estreitas.

Espremido, teve que se disfarçar para sobreviver, tornar-se invisível.

Hoje tua capital já não tem fronteiras definidas em cartório: foi empurrada para a periferia e passou a dominar outras cidades da região metropolitana. Olinda, Paulista, Jaboatão, Camaragibe, Cabo”, diz o texto de Fellipe. O especial conta ainda com Raimundo Carrero relembando sua amizade com Renato e republicamos um dos textos de um dos seus melhores amigos, o escritor e dramaturgo Hermilo Borba Filho.

Uma das seções do Pernambuco que os leitores mais lembram está de volta, a *Descanse em paz*. Trata-se de um artigo comentando algum livro que, vejam só, perdeu o sentido, datou, morreu. O retorno dessa seção acontece com *Confissões de adolescente*, best-seller do começo dos anos 1990 que hoje soa tão anacrônico como ver alguém falando que usa ICQ.

Mais dois escritores são homenageados nesta edição. Xico Sá relembra uma noite de bebedeira, sem eira e nem beira, em que foi “salvo” pela poesia de Carlos Pena Filho. E o mestre em comunicação Paulo Carvalho faz uma arqueologia dos autores que tentaram entender essa tal felicidade.

É isso, boa leitura e até o próximo mês.

PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO
DE PERNAMBUCO
Governador
Eduardo Campos

Secretário da Casa Civil
Francisco Tadeu Barbosa de Alencar

COMPANHIA EDITORA
DE PERNAMBUCO – CEPE
Presidente
Leda Alves

Diretor de Produção e Edição
Ricardo Melo
Diretor Administrativo e Financeiro
Bráulio Menezes

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO
Luiz Arrais

EDIÇÃO
Raimundo Carrero e Schneider Carpeggiani

REDAÇÃO
Mariza Pontes e Marco Polo

ARTE, FOTOGRAFIA E REVISÃO
Gilson Oliveira, Hallina Beltrão, Karina Freitas,
Militão Marques e Sebastião Corrêa

PRODUÇÃO GRÁFICA
Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves, Roberto
Bandeira e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE
Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO
Gilberto Silva



PERNAMBUCO é uma publicação da
Companhia Editora de Pernambuco – CEPE
Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro – Recife
CEP: 50100-140
Contatos com a Redação
3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

BASTIDORES

O lugar exato onde você pode achar a crônica

Prestes a lançar novo livro, autor revela origem da sua inspiração como cronista e comenta segredos de alguns dos mestres do gênero, como Manuel Bandeira



KARINA FREITAS

Ronaldo Correia de Brito

A crônica não é um gênero fácil. Ela pode resvalar para o conto, o ensaio, a crítica ou mesmo a História. O autor quase sempre escreve na primeira pessoa, expõe seus pontos de vista, se expõe, narra acontecimentos reais ou fantasiosos em que pode ser o protagonista. A crônica exige um ritmo preciso de escrita, concisão, clareza e muita coragem do seu autor. Assim como na culinária os bons cozinheiros sabem o ponto certo de fritura e cozimento, doce e sal, os cronistas precisam dar o corte exato no texto, não deixando que ele se exceda, nem que falte uma única palavra que possa comprometer a exatidão.

Manuel Bandeira foi excelente poeta, crítico de arte e cronista. Nos seus volumes de crônicas publicados pela Cosac&Naify há dois exemplos de textos que namoram o conto, se encaminham para a ficção, mas terminam se resolvendo como crônica. Não faltava talento a Bandeira para experimentar o gênero que quisesse, mas ele preferiu garantir-se como um cronista genial. Augusto Massi escreveu que nas *Crônicas da província do Brasil* “Manuel Bandeira traçou um risco nítido: uma linha de continuidade histórica que nos enreda desde a arquitetura colonial até a entrada em cena da militância modernista.” Falando de pintura, música, arquitetura, literatura, paisagens ou pessoas, Bandeira escreve crônicas.

O cronista corre também o risco de escrever fábulas morais, contrariando Rudyard Kipling, que sugeria ao autor escrever a fábula, mas não a moral da fábula. Nos dois volumes de *Contos filosóficos do mundo inteiro*, Jean-Claude Carrière eliminou quase todas “as histórias curtas que pareciam inclinadas a sugerir uma moral, uma recomendação de prudência comum, e, em primeiro lugar, as fábulas, criadas de acordo com um objetivo determinado, de extrair uma conclusão, dar um conselho, expressar uma pequena ideia, associada à noção de conveniência ou de bom senso.” É melhor para a crônica que ela se apresente como sugere Camus em relação à tragédia, sob os rostos do lógico e do natural.

Na onda de textos veiculados na “rede” com autores falsos, apareceu um, supostamente escrito por Luis Fernando Veríssimo, tratando do Big Brother Brasil. Depois de ler o primeiro parágrafo, o leitor de Veríssimo sacava que ele nunca havia escrito aquela catilinária moral. A crônica de Veríssimo é leve e bem-humorada. Mas é possível defender pontos de vista sem tomar um partido, um lado, uma escala de valor? Montaigne é um filósofo de crônicas morais.

Dostoiévski assume no romance *Crime e castigo* que o criminoso Raskolnikov precisa ser punido pelo crime que cometeu. Isso é a base da tragédia e da Psicanálise freudiana: só pela consciência do crime o indivíduo restaura a ordem pessoal e do Cosmo. Isso é moral?

Os melhores temas das crônicas estão nas ruas, nos acontecimentos cotidianos, nas notícias de jornais, em lembranças do autor. Nas 41 crônicas que formam o volume da coleção *Crônicas para ler na escola*, da Editora Objetiva, a sair nos próximos meses, escrevo sobre temas variados: uma festa de casamento, a experiência num teatro interativo, uma conversa com D. Hélder Câmara, o cinema de Fellini e o fascismo, Franz Kafka e Vincent Van Gogh, a música de Bach e, principalmente, sobre a Literatura e o meu amor pelos livros.

A coleção é uma pequena amostra do que escrevi durante mais de sete anos na revista *Continente* e venho escrevendo semanalmente na *Terra Magazine*, há quase cinco anos. Faço a apologia da Literatura, das bibliotecas, peço às pessoas que escutem a voz que nasce dos livros. Mas, também afirmo que todos os ofícios são sagrados e o escritor não é mais que o padeiro, nem o carpinteiro, nem o pintor de paredes e que Deus não prefere o músico ao pescador, como preferiu o Abel que pastorava ovelhas ao Caim que cultivava a terra. Proclamo que os livros aproximam as pessoas de todas as latitudes, pois quando abrimos o mesmo livro e o folheamos, nos tornamos iguais.

Escrever crônicas exige franqueza e coragem. Questionamos os experimentalismos na literatura e também o culto excessivo a Machado de Assis. Vive-se de câmera na mão, focando o que pensamos e vemos, aleatoriamente ou com um objetivo claro. Em viagem por Juazeiro do Norte escreve-se sobre o Padre Cícero Romão e o milagre da hóstia transformada em sangue. Em Praga e Amsterdã, chama-se atenção para Franz Kafka e Vincent Van Gogh, dois símbolos do fracasso e do êxito, artistas incompreendidos no tempo em que viveram e só mais tarde transformados em gênios ou enigmas da modernidade que anunciaram. O cronista precisa revelar suas concepções sobre o mundo e os seres humanos, colocando-se no desconfortável lugar de criador. Um lugar onde mais facilmente ele se expõe e erra, podendo muitas vezes sucumbir à tentação de escrever textos impregnados de moral.

Ronaldo Correia de Brito é autor de *Retratos imorais* e lança *Crônicas para ler na escola* (Editora Objetiva), em maio.

CARTUNS

PRYSCILA VIEIRA
HTTP://PRYSCILA.COM.BR



POLÊMICA

Pelo luxo de uma literatura do tipo “menor”

O que ganharíamos se nossos leitores tivessem um Harry Potter brasileiro?

Antônio Xerxenesky



“Onde está a nossa J.K. Rowling?”, pergunta uma pessoa na plateia. “Onde está o nosso Stephen King? A nossa Stephanie Meyer?”, a pessoa continua. “Por que o Brasil não produz best-sellers de ficção fantástica ou fantasia, que interesse aos jovens?”. Essa saraivada de perguntas pode ser ignorada e descartada como tola por um sujeito posando de erudito, que responderia algo como: “Que bom que não temos essas porcarias! O primeiro mundo que produza esse lixo para exportação”. Tal resposta, uma fuga para dentro da torre tranquila e segura da “alta cultura”, finge que os questionamentos da pessoa na plateia não são perturbadores. Mas eles são, sim, muito desconfortáveis.

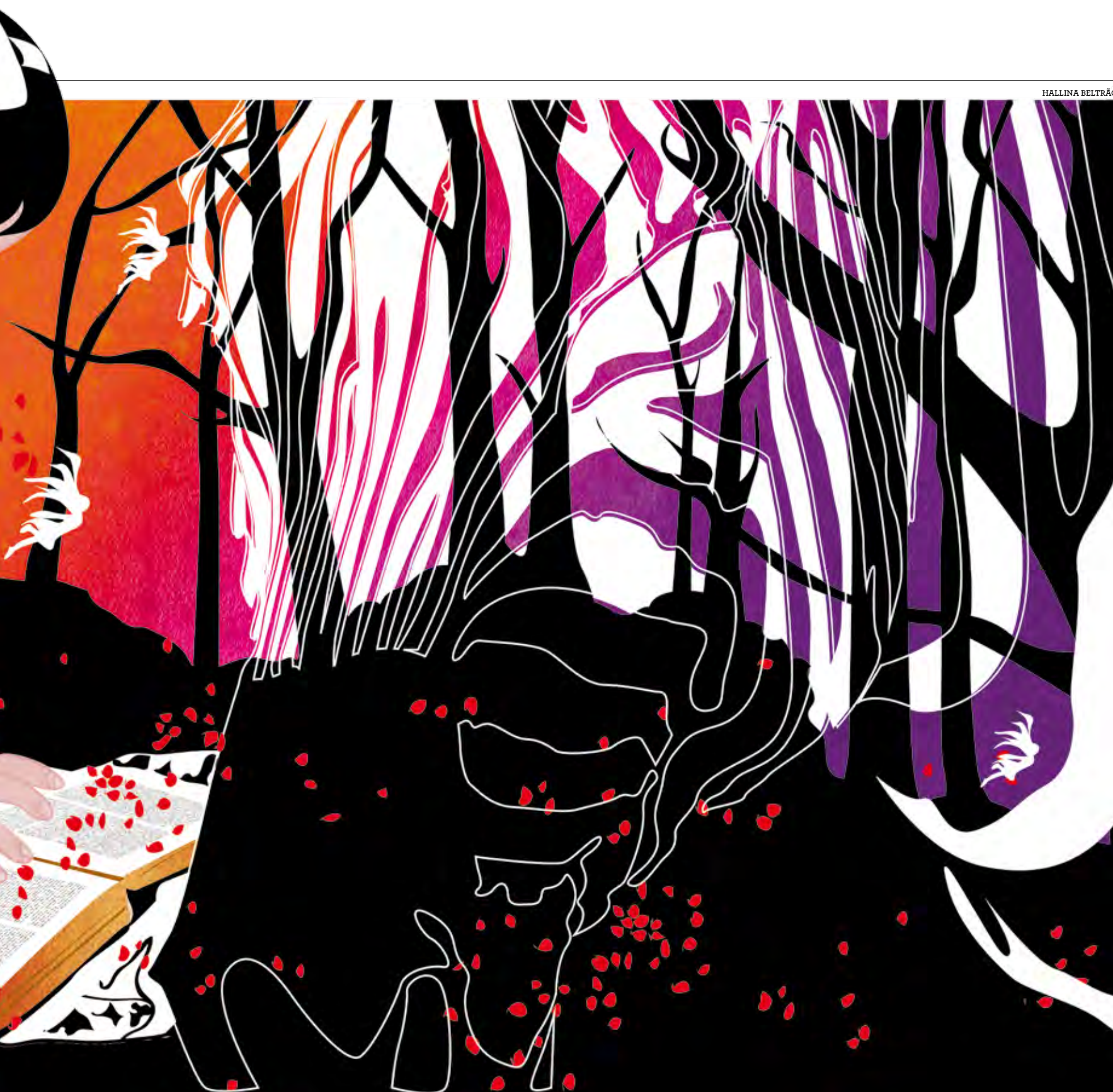
A saga *Harry Potter* e a saga *Crepúsculo* podem não ter a densidade psicológica de um romance de Flaubert nem a voracidade estilística de um texto de Joyce. E, no entanto, são esses livros que servem de porta de entrada para o novo leitor. Tirando algumas notáveis exceções, a maior parte dos leitores é formada a partir de uma Literatura mais despretensiosa e imaginativa. Parece-me muito mais provável que um adolescente se interesse por livros a partir de um contato com um assustador conto de terror de Lovecraft do que com um chatíssimo romance de José de Alencar que será obrigado a ler no colégio. De modo que, nos dias de hoje, a literatura chamada “menor” (chamada, catalogada e definida por críticos, mas é uma definição que pode e deve ser constantemente questionada) tem uma função social importantíssima. A ela devemos a formação de leitor. E a voz anônima da pessoa na plateia continua ressoando: “Por que não temos uma J.K. Rowling no Brasil?”

A bem da verdade, existe, sim, muita gente tentando escrever esse tipo de ficção. No meu trabalho como editor na independente Não Editora, já recebi pilhas e pilhas de originais que prometiam, na sinopse ou no e-mail de apresentação, ser “o novo Código da Vinci”, “o novo Senhor dos anéis” e outros absurdos. Pelos exemplos que li, nunca nem chegaram perto disso, às vezes impedidos por uma completa falta de noção do autor de estrutura narrativa ou até mesmo do que fazer com a língua portuguesa. Muitos novos escritores esquecem que, para escrever um bom romance, é necessário, antes de mais nada, ser um excelente leitor.

Para além desses casos de “tentativas frustradas”, há exemplos de tentativas muito mais bem sucedidas. O escritor paulista André Vianco, por exemplo, emplacou um belo sucesso com sua saga vampiresca, muito antes da moda dos virginais vampiros de *Crepúsculo*. Outro caso mais recente é o de Eduardo Spohr, cujo enorme romance *A batalha do apocalipse* fez um grande barulho ao ser reeditado pela Verus, novo selo da Record, após vender milhares de cópias.

É um fenômeno recente que vem ganhando força. São livros que não encontraram espaço nas discussões da crítica (muito dificilmente veremos um desses livros resenhados no *Rascunho*, no *Sabático* ou concorrendo na Copa de Literatura Brasileira), mas que estão cavando, pouco a pouco, seu nicho no mercado. Então, talvez não seja muito arriscado dizer que nossa J.K. Rowling e nosso Stephen King podem estar a caminho.

Uma pergunta precisa ser feita: o que esses novos autores e livros representam? Bem, antes de mais



nada, um mercado literário saudável. O grande escritor chileno Roberto Bolaño, falecido em 2003, comentou, em entrevista para Carmen Boullosa, sobre o assunto “escrever ficção de gênero na América Latina”. A resposta dele é surpreendente e interessante, e acho que podemos aprender muito com o que Bolaño (um admirador da prosa fantástica, ainda que ele não fosse um praticante do gênero) tem a dizer sobre o tema:

“Escritores que cultivaram o gênero fantástico, no sentido mais restrito do termo, temos muito pouco, para não dizer nenhum, entre outras coisas porque o subdesenvolvimento não permite a literatura de gênero. O subdesenvolvimento só permite a obra maior. A obra menor é, na paisagem monótona ou apocalíptica, um luxo inalcançável. Claro, isso não significa que nossa literatura esteja repleta de obras maiores, muito pelo contrário, mas sim que o impulso inicial só permite essas expectativas, que logo a mesma realidade que as propiciou se encarrega de frustrar de diferentes modos.”

Trata-se de uma explicação bastante sociológica. Uma certa pobreza no nosso mercado literário levaria todos os nossos escritores a buscarem ser “o novo Guimarães Rosa”, “a nova Clarice Lispector”, mais do que produzir uma ficção fantástica desprestigiada e divertida. Apesar de todos os exemplos que citei acima de como esse cenário tem aos poucos mudado no Brasil, ousou dizer que a turma da “ficção fantástica” ainda está em minoria.

Minoria, sim. Em amplo crescimento. Seria possível, me pergunto, estabelecer uma relação entre um desenvolvimento econômico no Brasil e um desenvolvimento de um mercado literário mais

profissional, com espaço para a ficção de gênero de apelo comercial e popular? Afirmar tal coisa, assim, no mais, sem uma vasta pesquisa histórica da formação intelectual e literária do país, é irresponsável, então não farei isso. A hipótese, porém, não deixa de ser interessante. Se nos encontramos em um dia particularmente otimista, podemos até especular que, com a profissionalização do nosso mercado literário, haverá um crescimento do público leitor de ficção nacional, mais aberto, talvez, para as “grandes obras”.

Uma das reclamações mais comuns (a ponto de se tornar irritante) entre os escritores brasileiros é o da falta de público leitor, de como a Literatura se tornou um gueto minúsculo. Estima-se, por exemplo, que não existe mais do que cinco mil pessoas em todo o país interessadas na nova ficção nacional. Por esse motivo que raramente um livro brasileiro lançado por grande editora tem uma tiragem superior a três mil exemplares. Uma primeira tiragem, por sinal, que quase nunca se esgota.

A formação do público leitor, como se já se argumentou acima, geralmente se dá através de livros “menores” (classificação que sempre usarei com aspas irônicas) importados. O que aconteceria se essa nova turma da ficção de gênero nacional se solidificasse por aqui? Se o público leitor futuro se formasse lendo André Vianco e Eduardo Sphur? Seria esse novo público mais aberto à ficção produzida em solo brasileiro? As especulações são muitas, e quanto mais se pensa sobre o assunto, mais os questionamentos se multiplicam.

Há intelectuais que afirmam que é uma estupidez achar que *Harry Potter* forma futuros leitores.

Leitores de *Harry Potter* serão, no máximo, futuros leitores de Dan Brown, não de “ficção séria”, para eles. O argumento prossegue, afirmando que quem assiste à telenovela não necessariamente assistirá a filmes de Godard e Bergman, no futuro.

Apesar de ser verdade que muitas crianças que se apaixonaram pela saga do bruxinho nunca mais lerão nada na vida, também é certo de que ler não é a tarefa mais fácil do mundo. Em um universo com dezenas de estímulos audiovisuais por todos os lados, retirar-se para um canto para ler será considerado cada vez mais um hábito excêntrico. A leitura, além de não permitir a passividade da televisão, exige o cultivo da solidão e do silêncio. Ler, portanto, não é natural, nem fácil ou passivo. A leitura não pode ser feita com o cérebro desligado, em um jantar com os amigos, e aprender a ler se assemelha a um exercício, que precisa ser repetido até tornar-se um hábito.

Apesar da nova ficção fantástica nacional não me interessar em particular, sinto que ela tem uma função essencial no sistema literário. Se ela formará novos leitores, se formará novos interessados por prosa nacional, isso o tempo dirá. Uma coisa é certa: mal não faz. Talvez tenha chegado a hora de celebrar este momento no qual finalmente o Brasil pode se dar ao luxo de ter uma Literatura... não “menor”, nem “desprestigiada”. Digamos “diferente”. Se damos espaço para o diferente, temos, como consequência, um sistema variado, plural, repleto de nichos. Quer coisa melhor que isso?

Antônio Xerxesky é autor do romance *Areia nos dentes* (Editora Rocco, 2010) e trabalha na Não Editora.

ENTREVISTA
Eliane Brum

Faro jornalístico para achar grandes desacontecimentos

A jornalista Eliane Brum anuncia seu primeiro romance, fala sobre a importância da leitura e da palavra em sua vida pessoal e profissional e dos seus personagens invisíveis

LILLO CLARETO/ DIVULGAÇÃO



Entrevista a **Luís Henrique Pellanda**

Se este fosse um texto jornalístico corriqueiro, publicado num diário de antanho, ou mesmo num pasquim sensacionalista, e se seu objetivo fosse simplesmente cornetear a novidade e o factual, seria fácil definir, para ele, uma manchete: “Eliane Brum está gestando o bebê de Rosemary!!!” – assim mesmo, com o verbo no gerúndio e três exclamações sequenciais, como prescrevia Nelson Rodrigues. E tudo bem: não haveria prejuízo algum, nem para o jornalismo nem para os envolvidos, pois a notícia é verdadeira e, de acordo com a gestante em questão – uma das grandes jornalistas brasileiras da atualidade, também cineasta e escritora –, trata-se do assunto mais importante abordado na entrevista abaixo, realizada via e-mail durante o último Carnaval. Só que o tal bebê, metafórico, é o seu primeiro

livro de ficção, finalizado no mês passado e prometido para breve. Um romance: um filho, sim, mas um filho danado, diabólico, vampiresco. Eliane Brum vai criá-lo, não tem problema, está aí para isso. Preparou-se a vida toda para esse tipo solitário de maternidade – é o que nos revela, nesta longa conversa (veja a íntegra no www.suplementope.com.br), a autora de livros premiados como *A vida que ninguém vê*. Nela, a entrevistada também nos conta da relevância que sempre conferiu à palavra escrita em seu cotidiano, desde a infância, no Rio Grande do Sul, uma relação intensa de amor, ódio e – por que não? – desejo. “Eu só poderia existir nas palavras”, garante Eliane, que aqui também discorre sobre o potencial transformador do Jornalismo e da Literatura, a descoberta do sexo (como ideia) nos romances e a influência das missas de sábado em sua vida de leitora assídua.

Como foi, na infância, o seu primeiro contato com a palavra escrita?
Acho que meu primeiro contato foi subjetivo. Meus pais eram professores de Português (meu pai é também de História e Geografia), e professores que levavam a sério o que faziam. Então, estavam sempre corrigindo redações de alunos nas poucas horas que passavam em casa e especialmente nos finais de semana. Quando não estavam corrigindo provas, estavam lendo livros. Tenho sete e nove anos de diferença para os meus irmãos, por causa da morte de outra filha entre nós. Então, lá em casa todos já sabiam ler – e liam muito. Menos eu. Desde pequena sinto este sentimento de vazio e melancolia que só muito mais tarde fui capaz de nomear. Enquanto eles liam, eu ficava no vazio. Não gostava do mundo nem da vida. Achava árido. Sempre tive uma ótima memória, e uma de

“*Eu sentia ódio dos livros. Queria saber o que havia ali que podia salvar as pessoas da miséria dos dias*

minhas memórias mais antigas é este sentimento de vazio, de falta de sentido, sentada no chão com algum brinquedo que não me interessava, enquanto todo mundo lia. Então, eu sentia ódio dos livros, da palavra escrita – mas principalmente cobiça. Eu queria saber o que havia ali que podia salvar as pessoas da miséria dos dias. Decodificar os livros era meu maior desejo. É claro que hoje consigo elaborar isso; naquele tempo, eu só sofria e odiava e invejava.

A primeira vez que li foi na missa de sábado. Minha família comparecia à missa todo sábado no final de tarde. Meu pai tem uma fé profunda, verdadeira. Minha mãe apenas o acompanhava (e ainda acompanha), por amor e por hábito. Meu irmão mais velho se comportava. Meu irmão do meio matava santos durante toda a missa, com estilingadas ruidosas e imaginárias. Eu repetia as últimas palavras do que o padre dizia. E quando chegava a hora do “Santo, santo, santo”, eu continuava dizendo “santo” até o final da missa. Era conhecida por isso, e o padre já esperava a minha performance. Eu era “a guria do santo-santo”. Quando entrei na escola, peguei o panfleto da missa e lá pelas tantas gritei: “Glória, glória, aleluia, mãe, eu li”. Essa foi a primeira frase que li. Glória, glória, aleluia. E esta estreia não determinou uma vida devota.

Há pouco tempo, numa entrevista, você me fez uma pergunta que, herdada de José Castello, costumo dirigir a alguns de meus entrevistados no *Paiol Literário*. Aproveito

para devolvê-la. A Literatura é capaz de transformar o mundo? E, ampliando a questão, ela lhe parece tão transformadora quanto o jornalismo pode — ou poderia — ser?

Acredito, sim, que a Literatura pode transformar o mundo de cada um. E, assim, mudar o mundo mais amplo, de dentro para fora. Aconteceu comigo. Não da forma mais concreta, pelos fatos, como com outros escritores e leitores. Mas de uma forma mais subjetiva. Eu só encontrei sentido na vida quando fui capaz de ler. De certo modo, foi um glória-glória-aleluia muito pessoal e profano para mim. Daquele dia em diante, passei a me trancar no meu quarto com quatro ou cinco livros e só saía de lá depois de ter lido todos. Comecei com livros infantis, Monteiro Lobato etc., e logo depois já estava lendo os adultos. Minha façanha foi ter lido a obra completa de José de Alencar aos dez anos. Todas as respostas às minhas perguntas eu procurava nos livros, e tudo que eu sabia de sexo, até as primeiras incursões mais literais, veio pelos livros. Passei os primeiros anos só procurando livros com passagens picantes, e devo gratidão eterna a obras como *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, e *Dona Anja*, de Josué Guimarães. Meus pais tinham uma biblioteca maior que a de muitas escolas de Ijuí (RS), e eu tinha acesso livre. Lá em casa não havia dinheiro para roupas novas ou refrigerantes (fora aos domingos), mas nunca faltou para os livros e a comida. Os livros me salvaram. Primeiro como leitora, depois como escritora. Comecei a escrever poesias aos nove anos, por pura melancolia. E descobri que eu só podia

existir se tentasse dar forma de palavra ao indizível, eu só poderia existir nas palavras. Assim como a futurologia é perigosa, a preteritologia também é. Mas me arrisco a dizer que, sem as palavras, acho que teria acabado por me matar. Eu não suportaria a dor do mundo se não pudesse transformá-la em palavras. E só acho a vida possível como narrativa. Só existe a vida contada, ainda que ela seja contada para uma única pessoa além de nós mesmos. Neste sentido, tenho uma convicção profunda de que o jornalismo transforma o mundo. Como repórter, sou uma contadora de histórias reais. E contar histórias reais transforma a vida de quem tem sua história contada – e também a de quem lê a história da vida de outro e descobre que é mais semelhante do que diferente daquele outro, apesar de todas as falsas distâncias. Eu sou uma repórter de desacontecimentos, que conta a história de vidas supostamente comuns. Este é o meu jeito de, à minha pequena e sempre insuficiente maneira individual, mudar o mundo ao contar as histórias da vida invisível. Acredito nisso mais do que acredito em mim mesma. Cada um tem o seu jeito, o meu é este.

Você tem praticado a Literatura no *Vida breve* (www.vidabreve.com), blog em que publica crônicas semanais às terças. O que a experiência literária tem lhe proporcionado de novo? Qual é a intenção da sua Literatura? Nela, o que você utiliza do Jornalismo? E pensa em publicar alguma coisa? Eu senti necessidade de escrever ficção porque precisava transformar outras partes de mim em palavras. Eu não sou uma coisa só. Sou muitas. E

“*A literatura nos atinge quando alcança uma verdade – que não é necessariamente a verdade factual, mas uma outra*

precisava que estas outras, um pouco apagadas pela repórter que eu sou, pudessem emergir para eu me sentir mais completa, ainda que seja impossível atingir a completude. Acho curioso que os leitores costumem acreditar que, quando escrevo algo na primeira pessoa, aquilo aconteceu comigo e, quando escrevo na terceira, aconteceu com outro. Querem sempre saber se minhas crônicas descrevem fatos reais ou não. E não é isso que importa. A literatura nos atinge quando alcança uma verdade – que não é necessariamente a verdade factual, mas uma outra, mais profunda. Não existe ficção sem verdade – mas uma verdade de outra ordem. Como repórter, percebi que há uma realidade que só pode virar palavra na ficção. Uma realidade que só a ficção aguenta. E foi por isso, para transformar meu indizível em palavra, que decidi fazer ficção. E talvez isso seja o mais importante desta entrevista, o que eu realmente tinha muita vontade de ter um espaço para dizer.

O *Vida breve*, em geral, tem sido um exercício muito prazeroso. Às vezes é enlouquecedor, como tudo que precisa acontecer uma vez por semana em dia certo. Percebo várias Elianes ao longo deste mais de um ano em que estou ali, em tão boa companhia. Não sei se faço crônica, acho que nem sei dizer o que é crônica. Não ligo muito para classificações. Não porque não ache importante; apenas não é o tipo de inquietação que me move. Alguns textos parecem com crônicas que li na minha vida, outros não se parecem em nada com aquele estilo. Se o Jornalismo influencia? Claro que sim. Ser repórter não é

o que eu faço, é o que sou. Isso é muito definidor para mim. Há mais de 20 anos bato na porta das pessoas, seja embaixo da ponte ou nos palácios, na Amazônia ou no pampa gaúcho ou no deserto do Saara, e entro. Sou privilegiada por ter minha vida enriquecida por uma multidão de histórias. Mas, se ser repórter é o que sou, não é tudo o que sou. É aí que entra a ficção. Neste Carnaval, termino a revisão do meu primeiro livro de ficção. É um romance. A vida toda eu me preparei para escrever um romance. E agora ele está quase pronto. Tem uma verdade nele. A minha. E para mim isso é o suficiente. Foi uma experiência extremamente visceral, de um jeito que nunca tinha vivido. Quem acompanha meu trabalho de repórter sabe que faço reportagem com as tripas, que me entrego inteira. Mas a entrega da ficção é de outra ordem. E durante o período em que escrevi este livro, parte de mim só vivia no mundo que eu criei. Desde que comecei e mesmo agora, uma parte importante de mim ainda está lá, o que torna a vida muito difícil para mim e para quem está perto. Espero que, ao entregá-lo à editora, na sexta-feira pós-Carnaval, isso acabe. Uma amiga, tentando me consolar do meu visível sofrimento, disse: “Imagino o que você esteja sentindo, é como se fosse um filho”. É, com certeza é um filho, mas é o bebê de Rosemary.

Uma pergunta que parece cínica, mas não é: como acreditar no Jornalismo? Duvidando.



LANÇAMENTO

ACERVO DA FAMÍLIA



História a gente não lembra, reescreve

Mariza Pontes

É **inacreditável a quantidade** de definições que você pode encontrar envolvendo o conceito de História, como se cada autor quisesse tomar seu real significado para si. É compreensível: História não é só o que a gente viveu. Mas o que estamos fazendo, recriando, imprimindo e “roubando” significados, sem nem sentir, neste exato momento. “A História é uma ciência e pronto”, decretou um enfático J. B. Bury. Para Lamartine, “ela ensina tudo, inclusive o futuro”. Já o pessimista Hegel reclamou que aquilo o que a gente aprende com a História é que “nada se aprende”. Erráramos mais e mais, como se fosse sempre a primeira vez. Ainda bem que nem todos pensaram/pensam assim. Para o pernambucano Amaro Quintas, por exemplo, História tem a ver – ou melhor: tem tudo a ver – com a ideia de liberdade. Lembrar para libertar. As comemorações pelo centenário de nascimento desse historiador, professor, advogado e escritor recebem reforço considerável com o lançamento,

na segunda quinzena de abril, de *Amaro Quintas – Historiador da liberdade*, da Cepe Editora, que reúne num só volume seus principais livros: *A Revolução de 1817*, *O padre Lopes Gama, um analista político do século passado* e *O sentido social da Revolução Praieira*, os quais resumem o que se convencionou chamar de “o espírito libertário de Pernambuco”. A figura humana e a visão historiográfica de Quintas são os alvos da coletânea que traz à tona o homem elegante de gostos refinados que viveu sob a luz dourada da *belle époque*; o intelectual digno que sempre se posicionou a favor de causas humanitárias, mesmo correndo riscos; e o historiador contextualizador que defendia um socialismo utópico. A ideia partiu da filha do historiador, a antropóloga e escritora Fátima Quintas. A trilogia tem prefácios do jornalista e historiador Mário Hélio e do professor e escritor Nelson Saldanha, que destacam que os principais pronunciamentos de Quintas continuam sendo uma referência para estudantes, cientistas sociais e historiadores, mesmo quando cotejados com a contemporaneidade.

Amaro Soares Quintas nasceu no Recife em 22 de março de 1911 e faleceu em 20 de maio de 1998. Viveu intensamente, numa época em que o mundo fervilhava de novidades, conflitos e ideias. Ele tinha apenas 28 anos quando escreveu, em 1939, seu estudo sobre *A Revolução de 1817*, como tese de concurso; logo depois, escreveu sobre o padre Lopes Gama; e em 1952 o seu trabalho considerado clássico, *O sentido social da Revolução Praieira*. No prefácio sobre *A Revolução de 1817*, para a trilogia, o jornalista Mário Hélio destaca a maturidade com que ele analisa os acontecimentos e critica aspectos e personagens específicos. “É a história sociopolítica de Pernambuco do século 19, marcada por duras contestações e lutas com o poder central – o que valeu ao Estado a alcunha de Leão do Norte – que vamos encontrar no livro, mas principalmente a personalidade de um historiador que não se contentava com o factual, preocupando-se com os aspectos sociais da história. Isso se percebe, por exemplo, quando ele desanca o sistema português em razão do baixíssimo nível

Marco
Polo

MERCADO
EDITORIAL

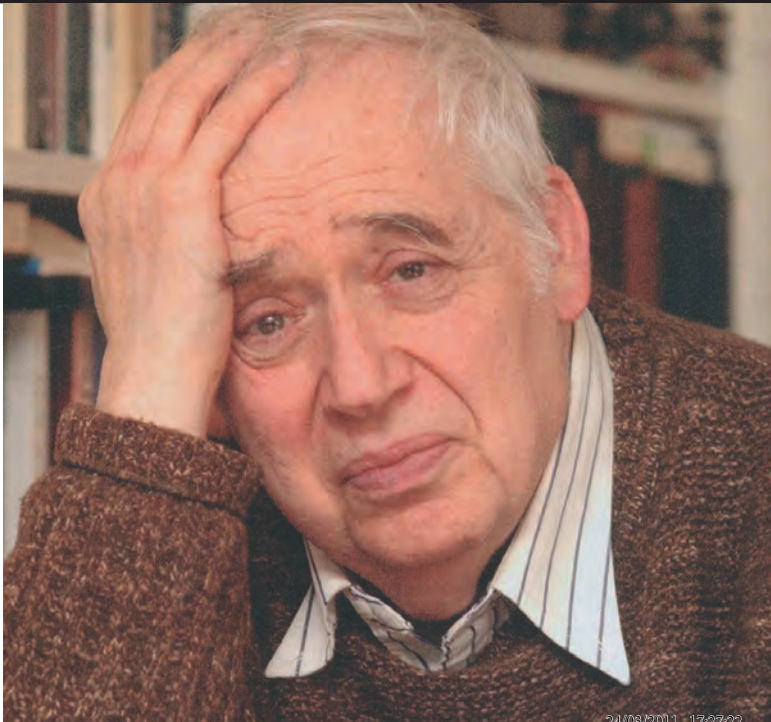
SOFISTICAÇÃO

A pequena editora carioca Tinta Negra se destaca pela arrojado visual de seus produtos e temas diferenciados

A Tinta Negra – Bazar Editorial – Livros de Estimação é uma pequena editora carioca que se destaca pela sofisticação visual não só de seus livros como também do seu site na internet. Voltada para um público “com espírito jovem e cosmopolita”, está investindo principalmente nas literaturas hispano-americana e do leste europeu, livros de viagem, gastronomia, filosofia ou sobre

cinema, além de livros-reportagem. Alguns títulos da editora: *Os mitos da cultura pop – De Dante a Dylan*, por Perry Meisel, livro elogiado pelo exigente crítico Harold Bloom (foto); *O livro da metaficção*, de Gustavo Bernardo, abordando a capacidade da Literatura em se duplicar; *Franz Kafka e Praga*, de Harald Salfellner, que mostra, em texto e fotos, a cidade do escritor e de suas narrativas.

DIVULGAÇÃO





A ideia de reunir os principais títulos de Amaro Quintas foi da filha do historiador, a antropóloga Fátima Quintas

de educação no Brasil colonial, quando critica a ignorância e submissão dos brasileiros e a visão dos revolucionários a respeito da liberdade aos negros, ou, ainda, quando comenta que o excesso de idealismo aliado ao amorismo foi a principal causa do fracasso da insurreição de 1817”, diz Mário Hélio.

O prefaciador do estudo sobre Lopes Gama, Nélson Saldanha, diz que “com esta obra, Quintas rematou o ciclo das revoluções pernambucanas, cujo processo histórico envolveu diversas faces e fases do Pernambuco de então: liberalismo, socialismo, conservadorismo, crítica social assistemática. Com o estudo de Quintas sobre Lopes Gama temos uma mostra, viva e expressiva, do que era a imprensa política em Pernambuco e dos problemas nela debatidos”.

ATRÁS DA CORTINA DE FUMAÇA

Historiador que viveu na pele muitos dos principais acontecimentos históricos recentes do País, sobre seu conceito de História é ainda Fátima Quintas quem dá o melhor testemunho: “Não lhe bastava o fato. O documento. O papel. A sentença proferida. Absorvia as entrelinhas para captar o que se escondia atrás da cortina de fumaça. Uma História de homens, não de fantoches. Uma História de gente, não de bonecos. Uma História de sentimentos, não de robotização. Uma História por vezes regional que se disseminava em universalidade. Ciência sem fronteira, interdisciplinar, a tanger intersecções com filigranas de emoção, compreensão, intuição”.

Sua capacidade de ressaltar o traço humano nos episódios históricos é também lembrada pela filha: “Dotado de uma memória excepcional, era capaz de citar textos inteiros sem interromper o curso do pensamento. Descrevia episódios históricos com uma dramaticidade inigualável. Detalhes de personagens, enredos de bastidores, amores proibidos, paixões clandestinas, um vis-à-vis íntimo, ausente de distanciamentos ou neutralidades postíças. Entre passado, presente e futuro, os acontecimentos alcançavam um realismo tão fantástico que se corporificavam em cenários nítidos e claros. Um desenrolar ‘novelesco’, um tanto hitchcockiano, que culminava com um *mise-en-scène* mágico, teatral, consistente”.

Sempre rodeado de livros, Quintas dividia o amor pela História com o amor pela Poesia, a Literatura, a Filosofia e a Sociologia. Lia para os filhos poemas de Fernando Pessoa, Manuel Bandeira, Garcia Lorca e Pablo Neruda, seus preferidos. Foi professor dos melhores colégios do Recife – Ginásio Pernambucano, Oswaldo Cruz, Pinto Júnior, Escola Normal, Padre Félix e Ateneu Pernambucano.

Ensinou na Fafire, na Unicap e na Faculdade de Filosofia de Campina Grande, na Paraíba, entre outros centros acadêmicos. Suas aulas teatralizadas, dramáticas, prendiam a atenção dos alunos da Universidade Federal de Pernambuco, até que o golpe militar de 1964 cassou seu direito de lecionar, sob a acusação de “idealismo subversivo”. Ele sofreu com isso pelo resto da vida, segundo testemunha Fátima, ainda assim “nunca abdicou de sua ética nem da luta pela igualdade social, considerando a liberdade indissociável da natureza humana.”

Sem nunca ter sido político profissional ou candidato a cargos eletivos, Quintas tinha posição política declarada. Posicionou-se contra a ditadura Vargas (1937-1945), sendo por isso perseguido; quando a União Democrática Nacional (UDN) foi organizada como um partido de oposição ao Estado Novo, em 1944, ele tornou-se militante da Esquerda Democrática, presidida no Recife por Gilberto Freyre. Ao separar-se da UDN, a Esquerda Democrática passou a ser um partido autônomo, incluindo no seu programa político o apoio ao divórcio. Como católico praticante, Quintas não aceitou a decisão, desligando-se do partido. Apesar disso, continuou a defender outras reivindicações da esquerda brasileira da época, como o monopólio estatal do petróleo, a reforma agrária e o combate ao acordo militar Brasil-Estados Unidos.

Em 1964, com o início da ditadura militar e a criação do Ato Institucional nº 5 (AI-5), foi cassado por ter feito uma conferência no Teatro de Santa Isabel sobre o tema *A livre determinação dos povos*, incluindo no texto o assunto da livre escolha do regime político, o que provocou o descontentamento dos militares. Foi o primeiro diretor do Departamento de História Social do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, atual Fundação Joaquim Nabuco, cargo que exerceu até 1964. Foi eleito para a Academia Pernambucana de Letras, tomando posse no dia 26 de janeiro de 1962, onde ocupou a cadeira nº 32, e era sócio, entre outras instituições, do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano. Colaborou com o *Diário de Pernambuco* e o *Jornal do Commercio*, onde escreveu diversos artigos sobre História e Política. Foi um homem que não só reescreveu a história. Foi um homem que viu a História.

O LIVRO



Amaro Quintas - O historiador da liberdade
Editora Cepe
Páginas 456
Preço não definido

DEMANDA

Site disponibiliza livro para venda, impressão e entrega

Criado em 2009, o Clube de Autores foi o primeiro site brasileiro a oferecer a publicação de um livro sem custos para o autor. Funciona na base da demanda: o livro só é impresso se houver um leitor interessado. O autor deve entregar sua obra já devidamente revisada, diagramada e com capa, em formato pdf. O site o disponibiliza para venda, impressão e entrega. Maiores informações no endereço www.clubedeautores.com.br.

ÉTICA

Rosari inaugura coleção sobre problemas filosóficos, discutindo questões morais do aquecimento global

A paulista Edições Rosari inaugura a Série Rosari Filosofia com um livro que aborda um aspecto crucial de um tema atualíssimo: *Mudanças climáticas: Considerações éticas. O certo e o errado no aquecimento global*, de James Garvey. Para o professor laureado da University of Melbourne, Austrália, Peter Singer, este livro “é um modelo de raciocínio filosófico sobre um dos maiores desafios morais que

qualquer geração já enfrentou. Se você ainda não sabe por que deveria se indignar moralmente com a situação climática atual, leia esse livro”. O livro acusa a responsabilidade dos países desenvolvidos e o que pode ser feito a respeito. Outros títulos da série são *Uma introdução aos 20 melhores livros de filosofia*, *O que pensam os filósofos atuais* e *Filosofia aplicada: Política e Cultura no mundo contemporâneo*.

A CEPE – Companhia Editora de Pernambuco informa:

CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIÇÃO DE ORIGINAIS PELO CONSELHO EDITORIAL

1. Todos os originais de livros submetidos à CEPE são analisados pelo seu Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
 - Contribuição relevante para Pernambuco;
 - Adequação à missão institucional da CEPE e sintonia com a sua linha editorial, que privilegia obras inéditas, escritas ou traduzidas para o português; que tenham relevância para a cultura pernambucana, nordestina e brasileira, nos seguintes campos do conhecimento humano: científico, técnico, literário e artístico.
2. Para obter a aprovação com vistas à publicação pela CEPE, as obras devem preencher os seguintes requisitos de qualidade:
 - De estilo (correção, clareza, coerência, rigor, coesão e propriedade).
 - De conteúdo (nível apropriado de aprofundamento dos temas, evidência de pesquisa e reflexão, consistência de argumentação e elaboração, originalidade da abordagem).
3. O Conselho Editorial não analisa:
 - Originais incompletos, em progresso ou ainda sujeitos à correção do autor.
 - Livros individuais ou coletivos na condição de projeto. Os textos devem ser entregues com o seu conteúdo pronto, acabado, sem acréscimos nem rasuras.
4. Serão imediatamente desconsiderados e rejeitados originais que atentem contra as declarações de direitos humanos e congêneres, as leis e os dispositivos morais e éticos, nomeadamente os casos de:
 - Violação dos direitos políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais;
 - Que fomentem ou mostrem simpatia pela violência e desrespeito a crianças, idosos, bem como os preconceitos de raça, religião, gênero etc.
5. O Conselho não recebe dissertações ou teses em estado bruto (devem ser feitas as reformulações necessárias de modo a reduzir o excesso de tecnicismos típicos do trabalho acadêmico).
6. As obras, inclusive as coletivas, devem estar corretamente padronizadas e revisadas, de modo a permitir a leitura crítica e análise final da obra.
7. O autor deve enviar à CEPE cópia impressa dos originais em quatro vias.
8. Não são recebidos originais em CD, disquete, e-mail ou qualquer outro formato eletrônico.
9. O comprovante de envio dos originais pelos Correios (AR – Aviso de Recebimento) valerá como protocolo de entrega.
10. Em caso de entrega dos originais na sede da Companhia Editora de Pernambuco – CEPE, o portador deverá se dirigir à secretaria da Presidência, onde assinará o protocolo.
11. Todos os originais são de responsabilidade exclusiva do autor. O Conselho não se ocupa de eventuais perdas ou danos no trajeto de encaminhamento nem devolve os originais recebidos.

Companhia Editora de Pernambuco
Rua Coelho Leite, 530 – CEP: 50100-140
Santo Amaro – Recife – PE.
Informações adicionais pelo telefone:
(81) 3183-2708



CAPA



Um amor digno de apache pelo Recife

Nos 80 anos de Renato Carneiro Campos, de olho em suas afinidades eletivas

Raimundo Carrero

Ele tinha um amor de apache pelo Recife. E conhecia as veias abertas da cidade. Frequentava os melhores restaurantes, os melhores bares e gostava de cantar músicas românticas, as mais antigas, e os sucessos recentes de boa qualidade, sempre acompanhado por alguém que tocasse violão. Ouvia e contava piadas, que concluía com uma boa risada. Era um homem de hábitos demarcados, como são poucos.

Fazia-se solidário de todos os amores e de todos os encantos, assim como de todos os injustiçados. Encerrava uma rodada de bebidas, ou de piadas, cantando invariavelmente *Bandeira branca*, que repetia e repetia, até a exaustão. Era seu mantra. Mas não sei se ele queria paz, como diz a letra da canção. Talvez quisesse, mas sua paz era outra. Não era banal.

Relembrava todos os amigos, sempre com atenção e respeito. Escrevia crônicas com grande habilidade, situando-se entre os melhores do país. Publicada, a crônica se transformava em leitura obrigatória em lugares dos mais diversos, sobretudo em meio aos intelectuais, jornalistas e aspirantes a escritor. Ele sabia entender o que era o Recife, e o que Recife precisava ler sobre si próprio. Renato Carneiro Campos (1931-1977) escrevia como vivia e era isso que o tornava grande. Por isso, a leitura dos seus textos ainda assombra,

como assombrava há décadas. Não envelheceu. E muito menos amarelou. Suas palavras, ainda que amareladas, nunca amarelaram. Não há bolor em suas ideias.

Foi ele quem entendeu que o Recife tem cor. Uma cor específica, de certas ruas, que ainda hoje a gente encontra. É só sair de casa que a vida pode amarelar. Quem esquece suas palavras? “Amarela é a cor das mesas, dos bancos, dos tamboretos, dos cabos das peixeiras, da enxada e da estroenga. Do carro de boi, das cangas, dos chapéus envelhecidos, da charque. Amarelo das doenças, das remelas dos olhos dos meninos, das feridas purulentas, dos escarros, das verminoses, das hepatites, das diarreias, dos dentes apodrecidos.”

Pena que ele não é mais editado. Lembramos suas frases e máximas frequentemente, mas sem a ênfase do livro ali exposto na livraria, ali à mão, ficamos sem saber de onde mesmo nos lembramos daquilo. Renato, de onde mesmo, Renato? Quando você disse isso, Renato? E por quê? Nada o assombrava, nem mesmo as injustiças da ditadura. Estava sempre de plantão para defender os perseguidos. Nesse instante, falava alto, embora gesticulasse pouco. Dizia o que muitos não queriam ouvir, e o que os medrosos



FOTOS: MARIANA GUERRA
FOTOS DE RENATO CARNEIRO CAMPOS: ACERVO DA FAMÍLIA



preferiam esconder. Muitas vezes telefonava para Gilberto Freyre, em plena madrugada, exigindo que ele tomasse alguma posição. Se tinha alguém que precisava tomar uma posição era Gilberto, mas como? Renato insistia e insistia.

Conta-se que evitou dezenas de demissões no então Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, quando os militares encaminharam uma lista de nomes indesejados. Renato estava sempre atento. Amarela era a sua cor, a da atenção, de eterna atenção, que nos faz parar, refletir, antes de prosseguir ou desistir. A vida não admitia, nem admite, desavisados. Aqueles eram anos difíceis, de chumbo, como costumava dizer.

Costumava me procurar no *Diário de Pernambuco*, onde exerci várias funções, desde repórter a secretário de redação, quase sempre ao lado de Zenaide Barbosa, irrompendo na madrugada, antes do jornal rodar, aos gritos – “Carrêrão, Carrêrão” –, e dali saíamos parar rodadas de chope no Savoy, acompanhadas de bacalhoadas pela madrugada inteira. Falávamos de Literatura, sempre recomendava, entusiasmado (sempre entusiasmado, era um homem de ênfases), a leitura de *Lord Jim*, de Conrad, e *Quarteto de Alexandria*, de Durrel. Só dia claro íamos para casa e, pela manhã, voltávamos a nos encontrar no Joaquim Nabuco, onde ele começava e escrever a crônica da semana. Escrevia um primeiro parágrafo com esferográfica, num papel comum, depois mudava de

mesa e escrevia outro parágrafo. Entre um e outro, contava e ouvia piadas, fazia breves discursos.

ENTRE ESCRITORES

A amizade era uma constante na vida de Carneiro Campos. Uma de suas marcas. Tinha muitos amigos e gostava de conservar as amizades. Entre as mais fortes, como o romancista Hermilo Borba Filho. Era de se esperar: grandes escritores se entendem bem juntos. Com Hermilo, conversava noites e dias inteiros. Entrava pela porta da cozinha e gritava “Hermilo, você me ama?”, mexia nos pratos do fogão e os dois começavam a rir. A conversa girava em torno de política e de literatura. E a cachaça, sempre era acompanhada por algum caju.

Certa vez, Hermilo concedeu uma inesquecível entrevista para Renato, com o título “Assim fala um escritor maldito”. Como a palavra “maldito” importa quando falamos de Literatura, não é? Para Renato, Hermilo era um “homem-orquestra”. Dramaturgo, romancista, ensaísta e diretor de teatro. “É primeiro time em todas essas atividades”. Afetuoso, Hermilo escrevia louvações em suas colunas semanais do *Diário de Pernambuco*, ressaltando as qualidades dos amigos. Um deles, é claro, Renato. Republicamos aqui ao lado esse texto, publicado originalmente em fevereiro de 1974. Só um grande escritor para entender um outro. Não, melhor. Só um grande amigo para entender um outro.

Louvação de março

Hermilo Borba Filho

Um *four* de reis e uma canção: é assim que vejo meu amigo Renato Carneiro Campos nas tardes de domingo nos verões do Recife, à sombra das mangueiras do seu sobrado da Rua das Pernambucanas, no bairro que tanto ama. Jogo alto no pôquer e alma aberta para o lirismo, uma canção cafona e um samba de partido – alto, uma imensa alegria de viver, no riso e nos ditos, um entranhado sentimento de região que se traduz nas iguarias que come, nas bebidas que bebe, nos artigos que escreve, nos sonhos que sonha, nas palavras que fala, nas pessoas que ama, nos quadros que contempla. Patriarca de pouca idade, barriga lógica, destemperos de linguagem, impiedade aparente com os inimigos, doçuras com os amigos, desabusado no protesto contra qualquer forma de intolerância.

É de vê-lo nas discussões literárias, extremado, dono de uma memória prodigiosa, irônico, pleno de humor, arrasador, quando perdido sempre dando a volta por cima (para citar Vanzolini que ele tanto ama) com um dito espirituoso, transformando a raiva no riso e o riso em ternura; é de vê-lo sisudo em reuniões oficiais, muito sociológico, competente e largado; é de vê-lo defendendo um amigo de qualquer acusação, a unhas e dentes, bofetadas e caneladas, de armas na mão; é de vê-lo atacando um desafeto, impiedoso, reduzindo-o ao clássico subnitrato de pó de vento, mas estendendo a mão imediatamente se o desafeto dele precisar; é de vê-lo desarmado, na rede larga, ao vento, barrigudo, dormindo o sono dos satisfeitos; é de vê-lo cômico, sisudo, chocarreiro, anedótico, grave, sofredor, professoral:

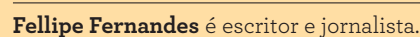
condição do homem; é de vê-lo nas ingênuas mentiras propositalmente para o riso e nas sérias mentiras, que podem salvar amigos e pessoas; é de vê-lo de mãos estendidas pedindo para os outros; é de vê-lo nas citações – Balzac, Eça, Dostoiévski, Proust que as tem para todas as ocasiões; é de vê-lo também injusto, brigão, doido, ferino: condição do homem; é de vê-lo nos grandes defeitos, valentemente, que os tem grandes e não pequenos como os pequenos; mas sobretudo é de vê-lo fiel e na retranca da metralhadora na defesa de Soljenitzin ou de José da Silva, imprecando contra patentes e notáveis, notórios e excelências.

Acho que foi Hermann Hesse quem disse ter horror ao homem sem defeito. Séra um ser anódino, molusco, amorfo, aquele que não tiver pecados. O meu amigo Renato Carneiro Campos os tem, gordos e sazoados, pernambucanos da mata, mas as qualidades – ah!, as qualidades são, todas elas argênteas, luminosas, abertas como a infância, de valor puro como o tinido de um cristal. Já experimentei essas qualidades e só posso medir os meus amigos pelos benefícios que trazem e não por seus momentos de demônio. Quem não é anjo e demônio ao mesmo tempo?

Um *four* de reis e um copo de cerveja, nas festas; um folha de papel e uma máquina de escrever, na criação; um enjoo e um fastio quando o ambiente é medíocre; um berro e um salto, no protesto e na raiva; um dito e uma gargalhada, numa reunião; um desaforo e uma cuspidinha para os maus. É assim o meu amigo Renato: Bode, Pássaro, de repente Rio, às vezes Erva, outras Fruto, Campos de sobrenome, Carneiro de nome, na vida, na contradição, na vida, no amor e no ódio, na vida.

[illegible]

Fellipe Fernandes



ENSAIO

Sorria, você está sendo feliz neste momento

O que grandes infelizes como Pascal e Freud falaram dessa tal felicidade

Paulo Carvalho



Na sua apologia ao Cristianismo (*Pensamentos*, Martins Fontes, 2001), escrita quando a loucura já lhe batia à porta em forma de visões de abismos, Blaise Pascal (1623 – 1662) escreveu a seguinte obviedade sobre aquilo que lhe parecia a coisa mais bem distribuída no mundo, a busca da felicidade: “Todos os homens procuram ser felizes: não há exceção... Esse é o motivo de todas as ações de todos os homens, até mesmo dos que vão enforcar-se”.

Aqui, o especialista em números e miséria humana acenava para a tensão entre o que chamava de diversão e verdadeira felicidade. Escritos aforísticos e melancólicos, como golpes no narcisismo antirreligioso (“condição do homem: inconstância, desgosto, inquietude”), preparam o leitor da citada obra para conclusões de igual teor saturnino (“se nossa condição fosse verdadeiramente feliz, não precisaríamos deixar de pensar para nos tornarmos felizes”).

Reflete Pascal que nada seria tão insuportável ao homem como estar em pleno repouso: sem paixão, sem ocupação, sem diversão (“Ele sente, então, o seu nada, o seu abandono, a sua insuficiência, a sua dependência, a sua impotência, o seu vazio”); desenhando, a partir daí, a sintomatologia meridiana (“incontinentemente, sairá do fundo de sua alma o aborrecimento, a melancolia, a tristeza, a aflição, a raiva, o desespero”).

Ainda de acordo com o pensador, não tendo podido os homens curar a morte, a miséria, a ignorância, e que por consequência terem achado de bom aviso, para se tornarem felizes, simplesmente não pensar nisso, um desequilíbrio subjetivo se instaurou: no desgosto se esconderia a cura, e no divertimento o mal (“e ambos são uma prova admirável da miséria

e da corrupção do homem e, ao mesmo tempo, da sua grandeza, de vez que o homem se aborrece de tudo e só procura essa multidão de ocupações porque tem a ideia da felicidade que perdeu e que, não a achando em si, é por ele procurada inutilmente nas coisas exteriores, sem poder contentar-se nunca, porque ela não está nem em nós nem nas criaturas, mas somente em Deus”).

FELICIDADE E SOLIDÃO

Dissemos, não há nada de original na generalização pascalina apresentada na introdução deste texto. Platão, *en mémoire*, já havia indagado em passagem também generalizante do *Eutidemo*: “Não é verdade que todos os homens desejam ser felizes?”, para mais adiante constatar a evidência do que perguntara: “De fato, quem não deseja ser feliz?”. E alguns, certamente, agora já puxam da memória questões semelhantes trazidas por Aristóteles, Epicuro e Descartes, ou pelos posteriores Kant e Espinosa, por exemplo. Mas sejamos um pouco mais objetivos: voltemos a Pascal, para indicar débitos e negativas de sua reflexão com a de outro marco do pensamento acidioso, a do também francês e cristão Michel de Montaigne (1533 – 1592).

Notem que Pascal e Montaigne são um dos paralelos mais bem entrincheirados da história do pensamento moderno. Se por um lado não é possível, mesmo para o leitor casual, não perceber as semelhanças entre as dicções, escolhas de termos, convergência de ideias, assim como as marcas comuns de derrisão da filosofia sistemática; da representação da fraqueza do homem; da preocupação com a conduta moral; de incontáveis afinidades nas preocupações psicológicas e literárias;

HALLINA BELTRÃO



por outro lado, a maneira como Pascal critica seu antecessor por reduzir a condição humana unicamente à sua miséria e desamparo cria um débito igualmente forte, mas, por essa perspectiva, negativo (aliás, esse é o motivo pelo qual uma possível denominação para o local de reflexão de Montaigne seja a do fideísta cético, enquanto pensadores como Pascal ou Kierkegaard desenvolvam seus trabalhos no campo do ceticismo ou pirronismo cristianizado).

“Coisas exteriores...”, falava Pascal na última passagem de patente flerte com esse seu antecessor: a consolação vinda dos divertimentos tinha nos escritos de ambos sempre algo (digamos assim, anacronicamente) de social. Divertir-se, para Montaigne ou Pascal, era conviver ou regozijar-se com os valores da convivência em sociedade, coisa que acontecia em geral, virtualmente ou não, sempre longe da introspecção que a escritora Virgínia Woolf associaria à arquitetura do “quarto do escritor”. “O nosso instinto nos faz sentir que é preciso procurar a nossa felicidade fora de nós. As nossas paixões nos levam para fora, mesmo quando os objetos não se oferecem para excitá-las. Os objetos de fora nos tentam por si mesmos e nos chamam, mesmo quando não pensamos neles”, acrescenta sobre isso Pascal. Dessa maneira, chegamos ao que nos interessa diretamente no presente incurso, a saber: à ideia de felicidade, desenhada no limiar entre o viver como o outro e a solidão.

N’Os ensaios (as citações desse texto são da última edição do livro em português publicada, no final do ano passado no Brasil, pela Companhia das Letras segundo tradução de Rosa Freire D’Aguiar), Montaigne de maneira um tanto diversa de Pascal (e concorrem

para essa diversidade o fato do primeiro ser um “sensualista”, como veremos adiante) valorizará um tipo de solidão interior como meio e fim da felicidade; Mas que solidão seria essa? Ajuda-nos a responder o pensador Erich Auerbach em texto de apresentação à obra (publicado em português originalmente no livro *Ensaio de literatura ocidental: filologia e crítica*, de Davi Arrigucci Jr. e Samuel Titan Jr., Editora 34):

“A solidão interior é a sua própria vida, seu existir em si e consigo mesmo, sua casa, seu jardim e sua câmara de tesouros. Para lá carrega tudo o que conquistou de precioso em suas andanças pelo mundo”. Mas alerta Auerbach: essa fuga nada tem de cristã como alguns podem pensar. “É algo que ainda não tem nome. Montaigne abandona-se a si mesmo. Dá livre curso a suas forças interiores – mas não somente ao espírito: o corpo deve ter voz, pode interferir em seus pensamentos e até nas palavras que ele se põe a escrever”, explica.

No movimento em que escreve (quando reserva um lugar para a fé cristã, mas ao invés disso preocupado com questões da vida e da morte, como se a fé não existisse – donde resulta parte do ressentimento de Pascal), cobrando existência de um público que ainda não havia para lê-lo, Montaigne alerta que solidão advogada por ele não seria meramente espacial: “não basta mudar de lugar, é preciso remover os atributos do povo que existe em nós, é preciso sequestrar a si mesmo e reaver a si mesmo”.

A este respeito, o fato da forma de expressão de Montaigne ter sido o ensaio, um gênero inventado pelo próprio pensador, e além de tudo, inclassificável, ou seja, de modo eminente de um “não especialista”

(não filósofo, não religioso, não poeta e não cientista), é efeito e causa justamente desse “desejo de si mesmo” pré-romântico por traz da busca da solidão (um tanto mais contemporâneo aos agora da modernidade dado que o desaparecimento é um tema que nunca saiu de moda na Filosofia ou na Literatura desde Montaigne, e aliás é sintomático que a Filosofia tenha buscado este eclipsar na Literatura): “a maior coisa do mundo é saber de si mesmo. É tempo de desligarmo-nos da sociedade, posto que nada podemos lhe conceder”, escreve em capítulo intitulado “Sobre a solidão”.

Mas há índoles mais aptas à solidão, adverte Montaigne: exatamente aquelas que não são ativas e ocupadas, que não empenham-se por todo lado, que não se apaixonam por todas as coisas, que não se oferecem, nem se apresentam ou se dão em todas as ocasiões. Segundo o escritor, é preciso dar adeus a toda espécie de trabalho, qualquer que seja a sua aparência, e fugir em geral das paixões que impedem a tranquilidade do corpo e da alma, assim como das volúpias que vêm da aprovação de outras pessoas: “É preciso fazer como os animais que apagam seu rastro na porta da toca. O que deveis procurar não é mais o que o mundo fala de vós mas como deveis falar a vós mesmos.”

Montaigne é moderno porque opera por rupturas mesmo e sobretudo em relação aquilo que há de mais privado: “é comedido e observa os usos e costumes; sozinho, consigo mesmo, ele é diferente. Usos, costumes, leis e religiões desaparecem. Estou sozinho, a morte é certa. Não estou em casa, estou em viagem – não sei de onde venho nem pra onde vou. O que possuo, o que me resta? Eu mesmo”, ressalta Auerbach.

ENSAIO

HALLINA BELTRÃO



O ÍNDICE DA MODERNIDADE

É justamente nesse sentido que para Auerbach, Os ensaios são “apenas um dos sintomas” da existência de Montaigne, algo que inevitavelmente também nos lança em um das obras mais influentes do século 20, *O mal-estar na civilização* (1930), de Sigmund Freud (1856 – 1939). A Psicanálise, costumava afirmar Jacques Lacan, é ela mesma um sintoma (de quê mesmo?!), parte indissociável da vida em sociedade, vida moderna. (Como aponta o já citado Davi Arrigucci Jr., Montaigne é na verdade um precursor de três lentes que compõem nossos modos de ver o homem e o mundo contemporâneo: Nietzsche, Marx e Freud, influenciando-os respectivamente na centralidade da questão dos valores; no desvendar da face do interesse e sua base material; e no escrutínio da face sombria da personalidade). Mas vamos agora em direção a Freud.

Em *O mal-estar na civilização* (as citações que aqui exporemos estão na última edição do título em Português, fruto da tradução de Paulo César de Souza para Companhia das Letras), pois, Freud também desvela o antagonismo irremediável entre as “exigências da pulsões” e as restrições da civilização.

O criador da Psicanálise afirma, assim, em passagem que poderia ter sido escrita por um dos dois pensadores que aqui trabalhamos brevemente: “a vida, tal nos coube, é difícil demais para nós, traz demasiadas dores, decepções, tarefas insolúveis. Para suportá-la, não podemos dispensar paliativos.” E onde Freud escreve paliativo Pascal usaria um termo geral, as diversões, e Montaigne, volúpias (algo que como vimos, não condena completamente).

Freud de uma maneira muito semelhante a Pascal afirma que a finalidade da vida é “o princípio do prazer”. Pergunta-se: o que pedem os homens da vida e desejam nela alcançar? Para responder com uma generalização análoga à do pirronista cristão: “É difícil não acertar a resposta: eles buscam felicidade, querem se tornar e permanecer felizes. Essa busca tem dois lados, uma meta positiva e uma negativa; quer a ausência de dor e desprazer e, por outro lado, a vivência de fortes prazeres”.

E adverte Freud: trata-se de um programa inextinguível (como veremos, justamente por seu caráter social): “podemos dizer que a intenção de que o homem seja ‘feliz’ não se ache no plano da Criação” (e note que admitir a miséria como modo irremediável do estar no mundo, e separá-la do

desejo divino é um dos débitos incontornáveis a Montaigne).

Já a infelicidade, diz o psicanalista, seria bem menos difícil experimentar. “O sofrer nos ameaça a partir de três lados: do próprio corpo, que fadado ao declínio e à dissolução, não pode sequer dispensar a dor e o medo, como sinais de advertência; do mundo externo, que pode se abater sobre nós como forças pesadíssimas, inexoráveis, destruidoras; e, por fim, das relações com os outros seres humanos”, aponta. E ressalta Freud ecoando seus antecessores: o sofrimento vindo da convivência causam mais dor que qualquer outro.

Qual a maneira mais crua e também a mais eficiente de evitar a infelicidade ou o sofrimento? A intoxicação, responde. Mas a opção obviamente não é única: as “técnicas da arte de viver”, segundo ele, são muitas. É possível dominar as fontes internas das necessidades (como acontece nas práticas religiosas ocidentais, que geram apenas uma “felicidade da quietude”) ou ainda recorrer aos deslocamentos da libido que nosso aparelho psíquico permite (a sublimação dos instintos em-présta aqui sua ajuda). Estão entre estas últimas, a alegria do artista no criar, a alegria do pesquisador na solução de problemas e na apreensão da verdade, exemplos onde a intensidade da felicidade é amortecida, comparada à satisfação de impulsos instintuais grosseiros e primários.

Elenca ainda Freud a possibilidade de se recorrer à vida da fantasia (como acontece com a fruição de obras de arte); à religião (que deprecia o valor da vida e deforma o quadro do mundo real de maneira delirante); à ruptura à Montaigne empreendida pelo eremita (com a ressalva, “o indivíduo que, em desesperada revolta, encetar este caminho para felicidade, normalmente nada alcançará; a realidade é forte demais para ele); à fruição da beleza; e, por fim, talvez a mais comum destas tantas técnicas, à busca do amor, quando, é claro, “nunca estamos mais desprotegidos ante o sofrimento” porque “nunca mais desamparadamente infelizes do que quando perdemos o objeto amado ou seu amor.”

Em resumo, Freud defende em *O mal-estar na civilização* (um livro que recebeu na primeira edição vienense o título de *A infelicidade na cultura*), que a cultura (kultur, palavra alemã traduzida para a edição inglesa como “civilization”) é construída sobre uma renúncia à pulsão, o recalque. E cada

homem não recalca seus impulsos impunemente: se a perda não for compensada, distúrbios inevitáveis daí surgirão.

A civilização exige, assim, de cada sujeito, um grande sacrifício de renúncia oferecendo-lhe em troca bens para os quais precisa ser treinado. Segundo Freud, estão entre os principais traços ou objetivos finais da cultura (e na verdade poderíamos dizer, do projeto moderno como um todo): a beleza, a limpeza, a ordem, as realizações intelectuais, a existência de um único tipo de vida sexual, e o que não é menos importante, uma grande atenção ao modo como são reguladas as relações entre os homens. Sobre esse último traço, aliás, Freud escreve: “O resultado final de ser um direito para o qual todos – ao menos todos capazes de viver em comunidade – contribua com o sacrifício de seus instintos”, para que ninguém seja, ao final, transformado em “vítima da força bruta”.

Assim, em conclusão, vemos nestes três pensadores, de tribunas muitíssimo distintas, um caminho superposto e em profundo diálogo com o nosso tempo. E se nos dois primeiros, Montaigne e Pascal, a ideia da busca dos prazeres da convivência aparece como substituta de uma verdade mais profunda e, portanto, feliz, e no segundo, os imperativos sociais que regulam esses prazeres é o que está justamente na causa do desconforto, não podemos negar um desenvolvimento do quadro social analisado por Freud, que aproxima sua teoria cada vez mais dos antecessores.

Nunca é demasiado lembrar que, hoje, o princípio do prazer é quem preside as instâncias de regulamentação e a ele estamos, ao invés de separados pelos antigos imperativos sociais, submissos por ordens mais eficientes (onde a negociação entre segurança e liberdade é a questão central). Algo, enfim, que Freud repudiou: o agenciamento entre os valores muito limpos e muito ordeiros da civilização e a injunção ao prazer (que o senso comum julga tratar-se de liberdade sem o ônus da perda total da segurança). Claro, a felicidade continua no horizonte dos que vão se enforcar na próxima árvore ou dos que vão se refestelar na próxima praça de alimentação. Mas talvez, para além ou aquém da felicidade, nos reste o caminho de Montaigne. Procurar a maneira mais adequada para falar a nós mesmos, nem que para isso seja preciso recorrer à clínica.

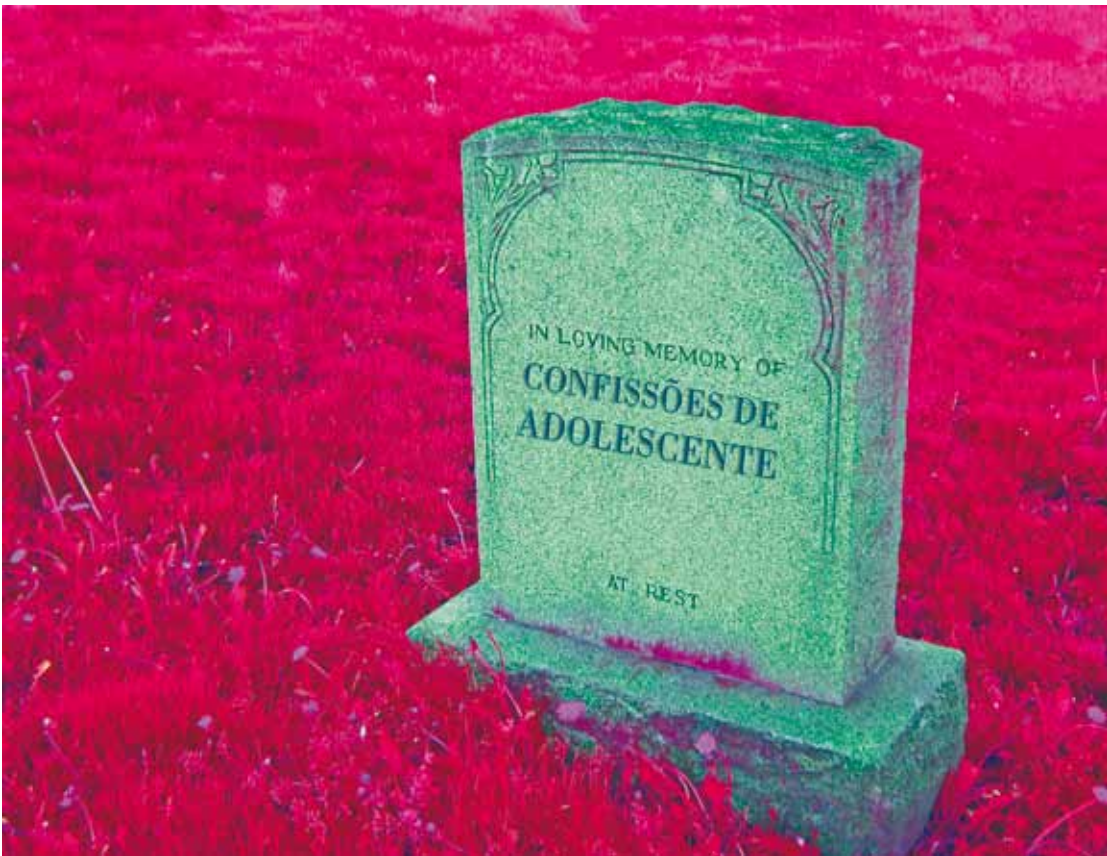
Paulo Carvalho é mestre em Comunicação Social.

DESCANSE EM PAZ

Maria Mariana seria popular no *Facebook*?

O best-seller dos anos 1990 talvez diga pouco à geração das redes sociais de hoje

Yellow



HALLINA BELTRÃO SOBRE FOTO DE DIVULGAÇÃO

No início dos anos 1990, não havia no Brasil uma menina mais *cool* do que Maria Mariana. Em março de 1992, a pequena peça *Confissões de adolescente*, da autora de apenas 19 anos, estreou como uma pequena montagem, no Rio de Janeiro, e virou um desses fenômenos do teatro brasileiro à altura de *O Mistério de Irma Vap*, *A partilha* ou *Trair e coçar, é só começar*, angariando mais de um milhão de espectadores. O texto reapareceu, quase instantaneamente, como livro e série de TV, repetindo, em ambos os formatos, o sucesso da versão teatral e instalando-se no imaginário brasileiro. Mas será que Maria Mariana seria considerada o gênio precoce que foi, se tivesse surgido hoje? Será que ela seria a menina mais seguida no Twitter, teria mais amigos no *Facebook*, mais comunidades com seu nome no *Orkut*?

O livro de Maria Mariana limitava-se aos diálogos e monólogos que já haviam sido lapidados por inúmeras encenações da montagem teatral, o que poupou a autora de situações escorregadias, enquanto garante um tom conciso e urgente à leitura, somando apenas umas 40 páginas com letras grandes. Textos das outras atrizes e de membros da equipe da montagem original da peça ajudaram a dar um pouco mais de “sustância” à publicação, que nem por isso se mantinha de pé em uma prateleira, denunciando um possível caráter caça-níquel.

O livro é calcado no uso oral e informal da língua, e seu primeiro capítulo brinca com as gírias e expressões usadas pelas meninas cariocas da época, como “estar afins” e “mi fu”. Percorrer as páginas, escritas duas décadas atrás, submete a coluna vertebral do leitor a um turbilhão congelante de arrepios de vergonha alheia, o que recomendo, inclusive, como terapia postural, por resultar em uma perfeita postura ereta. Deus me livre de que um dia meu filho, ou uma de minhas sobrinhas, ponha as mãos sobre este livro, e eu me veja na delicada situação de ter de convencê-los de que eu nunca falei desse jeito.

Quanto ao conteúdo e aos temas abordados, dizer que os dilemas e vivências da protagonista (o primeiro beijo, a perda da virgindade, a descoberta do desejo através da poesia, fumar maconha...) estão datados seria pura maldade, já que, desde sua publicação, o livro “concorria” com outras obras contemporâneas que abordavam temas bem mais controversos, como o filme *Três formas de amar* (*Threesome*, de 1994), ou mais antigas, até, como *Feliz ano velho* (de Marcelo Rubens Paiva, 1982). Tratava-se, na verdade, não de um livro para meninas adolescentes, mas de um livro para crianças que se aproximavam da puberdade, curiosas com as mudanças que estariam por vir, e, por tabela, tornou-se um produto ideal, em seus diferentes formatos midiáticos, para ser consumido por toda a família, introduzindo, com sua maneira divertida e inofensiva, a pauta das experiências adolescentes nos jantares e almoços dominicais, papel que cumpriu com maestria. Na época.

O que difere no jovem leitor de hoje para o de então é que, como as crianças estão muito mais bem informadas do que as de 20 anos atrás, a curva de aprendizado das novas mudanças é bem menor e menos íngreme. Os nerds de hoje já chegam à puberdade sabendo exatamente o que esperar das mudanças hormonais em seus corpos e mentes, e também como lidar com as mudanças hormonais de seus pares, bem educados pelo Google, Wikipedia e reality shows. O capítulo *Entrevista que a santa que há em mim fez com a putinha que há em mim* soa desnecessário para os padrões de hoje, em que estes papéis femininos não são mais limitados a serem representados (a não ser, claro, em novelas) como súcubos ou amélias. A mulher de hoje já se permite o equilíbrio (ou cinismo) necessário para desempenhar os papéis que melhor lhe convierem a cada situação. Para não sermos injustos, podemos também supor que os jovens de hoje foram criados por mães da geração que consumiu *Confissões de adolescente*. Portanto, supostamente já teriam em casa a familiaridade com os temas que antes eram “cabeludos”. Neste aspecto, podemos considerar que o objetivo sociológico de Maria Mariana foi alcançado. Viva!

Vale lembrar que a geração que hoje chega à adolescência já tem “especialização” em relações públicas, graças ao uso de redes sociais. Alguns dos encontros descritos na publicação, que antes pareciam fugazes, devem parecer eternos aos jovens contemporâneos, que precisam dos dedos das duas mãos para contabilizar quantos “pegaram” em uma só balada. Tópicos mais interessantes para o público atual seriam, por exemplo: “meu namorado quer nos filmar transando”, ou “o menino finlandês com quem eu paquero disse que vem passar o Carnaval aqui em casa”.

Some-se a isso o decrescente limiar de atenção que afeta as crianças de hoje, que as impede de permanecerem sentadas durante os cinco minutos de um intervalo comercial, ou durante meia página de um dever de História. Assim fica difícil visualizar essa mesma audiência para *Confissões de adolescente*. Como assim, um livro sem vampiros?

Confissões de adolescente marcou sua época, e tem lugar garantido em nossa memória afetiva e na cultura pop brasileira, mas hoje é um item apenas curioso, necessário só aos que se interessarem em vasculhar os estranhos rituais das adolescentes de outrora, ou aos saudosos de um passado que não voltará mais.

Yellow é professor de design, músico e VJ.

ONDE ENCONTRAR



Não é uma tarefa fácil encontrar esse “clássico” de Maria Mariana. Nas principais livrarias online não consta a obra. Fuçando dá para achar essa edição da Agir, por R\$ 21,90.



História, arquitetura, memórias e literatura em livros de qualidade



Assine.

Revista Continente.

Conteúdo é tudo.

0800 081 1201

e-mail: assinaturas@revistacontinente.com.br



EÇA DE QUEIROZ - AGITADOR NO BRASIL
Paulo Cavalcanti
(edição em inglês e português)

Eça de Queiroz - agitador no Brasil, de Paulo Cavalcanti, é um livro que amplia a visão da última revolta em Goiânia, província de Pernambuco, Brasil, ao examinar a maneira como os pernambucanos reagiram contra o arbítrio e o domínio português.

R\$ 30,00



O GIRASSOL
Garibaldi Otávio

Garibaldi Otávio estreia na literatura com o livro *O girassol*, coletânea de textos de toda uma vida. Mauro Mota observava, já em 1950, que a poesia de Garibaldi Otávio tem "a imagética sem parentesco, o descritivo mais penetrante, tirando sangue da íntima das coisas".

R\$ 40,00



ESTÃO TODOS DORMINDO
Edson Nery da Fonseca

Estão todos dormindo é uma coletânea de perfis de personalidades marcantes da cultura brasileira, na qual Edson Nery da Fonseca mescla informações precisas, citações literárias e testemunho pessoal, numa prosa límpida, elegante e envolvente, que transforma o leitor em cúmplice do que narra.

R\$ 30,00



DE RUAS E INTI-NERÁRIOS
Alexandre Furtado

Alexandre Furtado revela que, apesar de jovem, cultivou grande nostalgia de um Recife que não chegou a conhecer, como a época dos bondes e trilhos, ou cujas referências de arquitetura e lugares que conheceu na adolescência, já se perderam.

R\$ 40,00



NAS SOLIDÕES VASTAS E ASSUSTADORAS
Kalina Vanderlei

A historiadora Kalina Vanderlei descreve como surgiu o Sertão, enquanto espaço sociocultural, enfatizando os personagens que participaram dessa conquista: pessoas pobres e eremítas recrutados pela Coroa portuguesa para combater os indígenas que habitavam a região.

R\$ 30,00



UM DIPLOMATA E POLÍTICO DO IMPÉRIO
Fernando da Cruz Gouvêa

Fernando da Cruz Gouvêa apresenta o conselheiro Sérgio Teixeira de Macedo, presidente da província de Pernambuco, que participou de episódios relevantes do Império, defendendo a liberdade de imprensa, os direitos dos cidadãos e o combate ao tráfico negreiro.

R\$ 30,00



NOS CAMINHOS DO FERRO
Paulo Souto Maior

Paulo Souto Maior destaca o uso do ferro fundido nas construções desde o século 19 e sua popularização após a Revolução Industrial. No Recife, elementos históricos e arquitetônicos identificam edifícios importantes, como o Mercado do São José e outros.

R\$ 58,00



JARDINS DO RECIFE
Aline de Figueiró Silva

A arquiteta Aline de Figueiró Silva detalha o surgimento do paisagismo no Brasil, a partir de Burle Marx, e aborda os jardins recifenses do ponto de vista do paisagismo, da arquitetura e do urbanismo, contextualizando-os política e socialmente.

R\$ 35,00



A INTOCÁVEL BELEZA DO FOGO
Geraldino Brasil

Poeta apaixonado pela poesia, humilde, raro e especial, Geraldino Brasil faleceu em 1995, deixando uma vasta produção inédita. Nesta obra, a Cepe Editora apresenta às novas gerações, publicando 90 poemas, parte dos quais escritos no formato de sextinas.

R\$ 35,00

LANÇAMENTOS RECENTES



ESCRITORES PERNAMBUCANOS DO SÉCULO XX
Zuleia Gonçalves Ferreira

Apresenta um retrato da vida e obra de escritores pernambucanos fundamentais na formação da memória cultural do Pernambuco, das mais conhecidas, como Eris Carneiro, a outros menos conhecidos, como Antônio Torres Bandeira, que escreveu poemas de inspiração religiosa e homenagem à cultura brasileira.

R\$ 30,00 (cada)



POEMAS
Daniel Lima

Ha mais século Daniel Lima produz uma poesia de qualidade exemplar, mas que, aparentemente, estava se iludindo com a grande público. Agora, esta antiga vetustade sua resistência em publicar e sua humildade permitem quatro de seus livros inéditos e recentemente regravados.

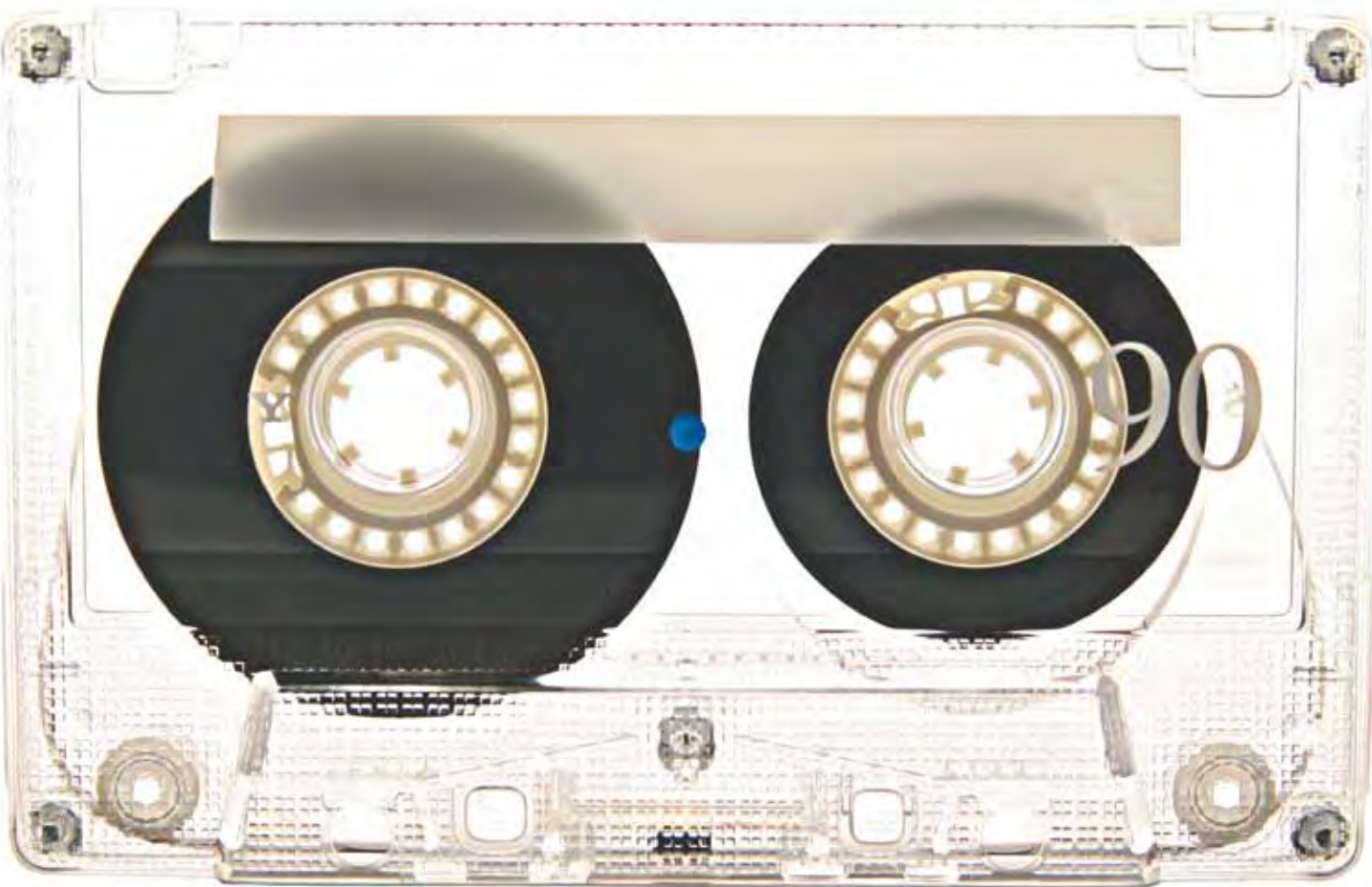
R\$ 45,00

Cepe
EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** livros@cepe.com.br

INÉDITOS

Marcos Visnadi



a bailar que se acaba el mundo

meu avô todo réveillon cumprimentava
todo mundo dizendo “foi muito bom
te conhecer tenha uma vida muito
feliz ano que vem já não estou
aqui” esperava que fosse morrer
a cada ano e nunca que vinha
a morte eu mesmo já me perguntei
– de mim –
“quando é que ela vem?” ela não vem
chego a duvidar, meu vô teve derrame
ligo para a prima e recebo a notícia
nada grave, nada grave,
perdeu a vista o médico disse
em breve voltará se meu avô
cumprir sua missão de não morrer

(quando é que ela vem? quando é que ela vem?)

amado avô que sabe tanto da vida
prática eu que só tenho talento
para as coisas que não existem vou
sair para dançar enquanto o senhor
está num leito hospitalar, amado avô,
– ai –
a morte não nos soluciona

*

amado avô suspeito que isso
seja uma metástase o estarmos
tão vivos que a espera se
perde dos abraços de ano
novo,

uma vida toda pela frente
estala a manhã e anoitece
medos e cegueira temporária
é fardo ser
amado avô

– a um leito hospitalar
eu dou os pés para dançar

e desejo, teu sono profundo,
que se acabe logo o mundo –

*

matéria extinta e persistente
bailarás ao sol poente

um ritmo na hora da ida
assim se distrai a vida

que segue por causa do pulso
as curvas agudas de um curso

estranho, hostil, sem sentido
e tão tardio quanto infinito

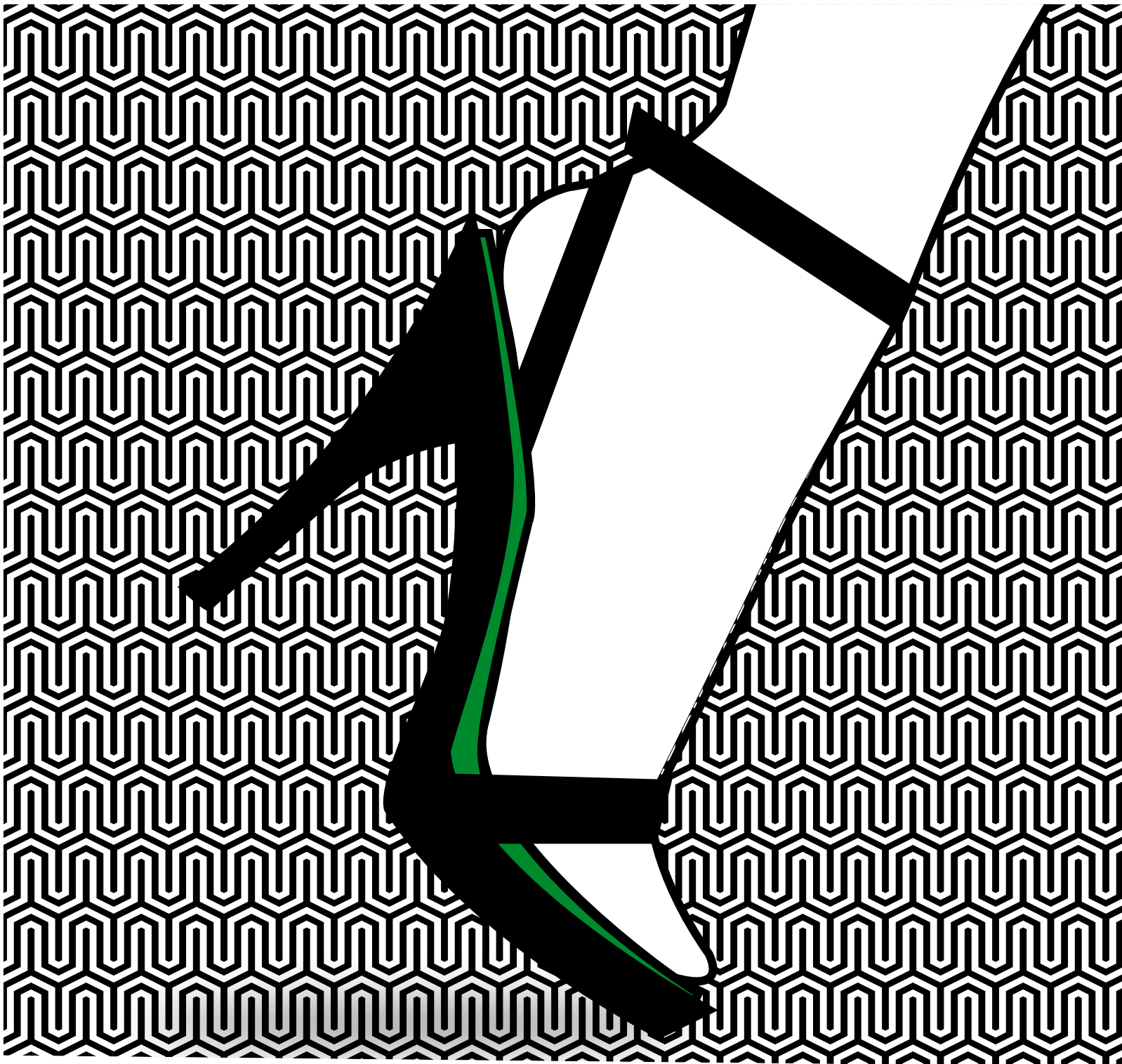


SOBRE O AUTOR

Marcos Visnadi mora em São Paulo, onde trabalha como revisor de textos. Está finalizando seu primeiro livro de contos, chamado *Atlas*

INÉDITOS

Astier Basílio



Sem título sem título

Quando todo mundo entrou, cabiam só uns cinco seis por apresentação, como eu te disse não havia lugar pra ninguém se sentar, ela chegou-se, estava de salto, eu lembro porque o sapato dela me chamava atenção, te falei já que sempre eu começo com um texto, pra falar a verdade, um texto não, um improviso, e não é o personagem quem entra, entende?, quem está lá sou eu, Ana, a atriz, não a personagem que a Ana atriz está interpretando, quer dizer, eu não curto muito essas fronteiras, assim, é um meio termo, um equilíbrio, aliás, minha pesquisa foi toda em cima disso, o espetáculo veio dessa pesquisa, assim, em cima desse meio tom, de, cara, como é você aqui ser você mesmo, dali há pouco não ser mais, entende?, então, os pés dela, dessa figura que, respondendo tua pergunta, foi a figura mais bizarra que rolou, tipo, ela chegou na apresentação lá e ela reinou, mas, assim, ela ficou na dela, quer dizer, no começo, porque não eram só os sapatos, ela estava com uma meia calça com umas listras horizontais, uma perna assim, grande, não sou muito de olhar perna de mulher, tu me conhe-

ce, mas aquelas pernas, aquela cor, porque tu sabe que um quarto de revelação como era aquele, o lugar já é pequeno, tudo se transforma, tipo um filtro saca?, ó, detalhe, eu não criei cenário, eu não adaptei, nada, a gente fazia a apresentação na casa do Ricardo, cara, nem te falei dele, né, então, ele topou o projeto, assim, você não tem ideia, não tem noção, o cara, tipo, acreditou na proposta desde o começo, cedeu a casa geral, falou assim, Ana, olha, quer ficar dois, três meses em temporada aqui em casa, ó, a casa é tua, só me avisa os dias das sessões, quero me organizar aqui, ó, precisar de mais alguma coisa, fala aí, então, não sei se te falei, mas a ideia surgiu, quer dizer a ideia toda da peça não, tipo o lance de também ter escolhido trabalhar com o Drummond, isso já foi depois, elaboração minha, sugeri a uns amigos, pessoal da área, uns poetas, uns caras amigos meus, qual seria o texto, enfim, tentei até improvisar umas coisas, eu mesmo escrever, minhas ideias mesmo, minha história, falei com um dramaturgista, mas eu ia te dizendo, eu tinha dormido pela primeira vez lá na casa do

Ricardo, ele contou que o pai dele era fotógrafo que o estúdio do pai dele ficava dentro da casa, que, assim: era um quarto, então, o do pai dele era outra história, o pai dele tinha construído com compensado de madeira, ele, o Ricardo era pequeno, moleque mesmo, tipo uns cinco, seis anos, ele me contou de um dia que tinha dormido numa rede dentro do estúdio, o pai não era artista que nem o Ricardo não, fazia foto de três por quarto, casamento, essas coisas, então, o Ricardo dormiu, tinha uma cocada na mão, uma cocada de coco mesmo, porque não sei se aqui vocês têm, mas lá onde eu moro tem cocada de rapadura, bom, depois te explico, melhor, te mostro, a gente vai lá na feira, sabe, te levo lá, mas aí Ricardo tinha a cocada na mão, e tinha lido, lido não, folheado, uma revista dos Testemunhos de Jeová, tinha uns anjos, umas nuvens, um céu rasgado, parecia aquele povo de seriado americano, sabe?, tudo azul e no lugar, ele caiu no sono, deve ter sonhado com alguma coisa celeste, tá vendo como eu falei, a gente começa a inventar mesmo num simples relato, numa coisa boba,

ele não me falou que coisa celeste coisa nenhuma, eu que tô viajando, Ricardo mesmo disse que não lembra, mas só lembra que acordou no outro dia, ainda na rede, com a mão no chão, um monte de formiga, o pedaço de cocada todo chupado, todo sem açúcar, mas porque é que eu estou falando disso tudo?, liga não, sou assim, já viu, né, lembrei, ah, por causa da moça, então, ela foi chegando, eu nem tinha começado o primeiro movimento da peça, não sei se te disse, mas o espetáculo era de tempo invariável, em geral vinte, quinze minutos, até menos ou mais, dependia muito da vibração, da energia das pessoas, eu não saco muito disso não, mas cara, eu sei que cada pessoa tem uma aura e eu, sei lá, noto, percebo quando rola uma vibe do mal, assim, mas voltando, tinha momento, como nada era certo, eu improvisava em cima do material, então, tinha sessão, tinha dia lá, que eu chegava e dizia, quando tempo você quer que tenha a peça?, cara, eu ouvia cada resposta, não, porque depois que ficou hype, vinha neguinho que, ah, tipo, vamo lá ver a louca da mulher que faz uma peça dentro de um estúdio

SOBRE O AUTOR

Astier Basílio é jornalista, poeta e crítico de teatro. Esse é um trecho do seu primeiro romance ainda inédito.

KARINA FREITAS



sem título sem título sem

de fotografia, que disseram que ela uma fez um strip com a luz vermelha lá do estúdio, que antes recebe a gente depois tira umas fotos lá da gente e em seguida se tranca, fica revelando as fotos e num canto, numa pia, que, ah, tem dia que ela tira a calcinha e passa um tempão dizendo uns poemas e fica lavando uma calcinha que mais parece um pedaço de coração de tanto que ela bate, de tanto que espreme, de tanto que fica vermelho lá dentro, então, a moça isso, a moça aquilo, cara, você tá entendendo como o mundo é louco? Que, vai lá atrás, vê meu projeto, minha pesquisa, que tudo o que eu não queria na vida, que tudo o que iria atrapalhar minha investigação seria a porra da peça hypar, tu tem noção? Cara, não vou mentir, não vou dizer que foi do caralho sair em *Folha*, em *Bravo!*, em o escambau, mas meu, chegou num ponto que eu deveria deixar lista de entrada, eu sei que é meio careta, res-

tringe e tal, tem quem não goste, eu mesmo, por exemplo, mas, pô, rolou coisa assim, ah eu queria muito saber quem era aquela figura, então, mas por que é que eu tava falando tudo isso? Ah, foi mal, tô assim hoje, liga não, tenho que parar de fumar essas merda, ah, lembrei, então, como eu ia te dizendo, naquela noite lá, saca, porque eu em cena, já é outra coisa, é outro eu, quer dizer, sou eu, mas não sou eu ainda, então, vê só a situação todo, se liga no conflito, eu lá jogando o texto do Drummond, vem aquela figura, e eu saquei a vibe dela no ato, uma coisa entrou em curto, cara, muito louco falar isso e lembrar de coisas que eu não estava nem, mas, então, ela se chegando, não lembro se ela usava calcinha, se ela tava sem calcinha, não dá pra lembrar, ela tava com as pernas abertas pra mim, isso eu lembro, ô, mas, é muito foda, cara, esses limites, essas fronteiras, aí já entra o lance de estar na personagem,

de ser você e não ser você ao mesmo tempo, mas, enfim, talvez ela nem tivesse usando, cara, pensando agora, acho que ela jogou a mó cantada em mim, sabe?, viagem, não, viagem plena, é, eu tô pensando isso exatamente agora, nossa, doidera, então, ela ficou andando, de cócoras, ela tinha uns óculos imensos, uns óculos grandes, sabe aquelas armaçõeszonas, assim, tipo Praça Roosevelt? Deus, era muito bizarro, mas caía bem na guria, eu pelo menos achava, ela foi vindo, foi vindo, uma aranhona com fome, pensei em interagir, modulei a voz, marquei a presença dela, pensei até em imitar o que ela ia fazer, mas, porra, eu não sabia o que ela ira fazer, como é que eu poderia adivinhar, se alguém chegasse pra mim e contasse, que no meio de uma peça, de uma apresentação de uma peça minha, uma moça viria lá, tipo, no meio da cena, e de boa chegar e mijar, porra porque eu não peguei a máqui-

na e tirei uma foto lá dentro do estúdio?, sei lá, no final poderia até rolar uma exposição, aquela seria 'a' foto, tipo a capa do catálogo, saca?, mas isso só quando eu conseguisse um patrocínio maior, sei lá, pensei numa de entrar em cartaz, voltar com a peça, vem esses conflitos, por um lado, eu sabia que estava indo fora de rota, mas, mesmo assim, cara, eu queria saber até onde iriam os meus demônios, até onde eles me punavam, porque é assim, cara, uma hora você tem que dar de beber aos teus demônios, mas, resumindo, pensei mesmo, vou mentir não, eu voltar, mas não mais lá, sabe, acho que tudo tem seu tempo e tem seu sumo, tem uma hora que, acho que você entendeu, né, mas meu plano era até outro, era ir até onde fosse mesmo aquela história, eu queria voltar em cartaz, cavar umas temporadas, Petrobras, só que em vários estúdios de uns fodões da fotografia, acho que Ricardo pode

me dar uma consultoria, dizer quem seriam os figuras, eu o colocaria no projeto, renderia um catálogo, com uma foto feita em cada lugar, o Ricardo poderia fazer o texto da curadoria, por falar em texto, o catálogo bem que poderia ter os textos que eu recito, melhor, eu escrevendo à mão e escanear tudo depois, o Drummond, nossa, ele é a minha cara, mas, se bem que, melhor não, o texto tem direitos, aliás, nem falo tanto isso, tipo na divulgação pra imprensa e no material de divulgação, falo que é baseado, que é a partir, senão os caras caem em cima, que o que não falta nessa vida é malandro, ô vidi-nha, viu. Falando assim parece que ainda dá pra voltar no tempo e mexer em alguma coisa ou como se eu estivesse tomando uma decisão pra. Hábito, sou muito louco, muito vivo, uso muito o verbo no presente. Quando conto uma história é assim. Como se a história voltasse de novo.

RESENHAS



HALLINA BELTRÃO

Diz-me o que calas, que eu te direi quem és

Coleção de artigos reunidos por J.D. Nasio ensinam a perdoar as horas em que as palavras somem

Schneider Carpeggiani

Quem nunca fez uma sessão de análise, talvez estranhe, mas para quem é experiente no “ramo” as próximas linhas serão familiares: pronunciadas, as palavras têm um valor diferente do que quando as pensamos em nossas representações verbais. Falar implica em dar ênfase, trocar ou engolir determinada expressão. Ao falar, selecionamos, damos forma ao mundo. Mas o que fazer quando, no divã, nos deparamos com o silêncio? Isso é “normal”? Bem, para começar, “normal” não é dos conceitos mais convidativos para a Psicanálise. Encaramos horas e horas nos abrindo (ou ao menos tentando) para um desconhecido para entender que, se sentir esquisito, faz parte do pacote de estar vivo. Há algumas semanas, comentei com uma amiga meu estranhamento diante de longos silêncios durante minhas consultas. Ela,

irônica como sempre, veio logo dizendo: “isso nunca me aconteceu, eu sou a pessoa mais falante do mundo na análise”. É claro que sua declaração foi exagerada. Como em tudo na vida, até o rendimento no divã é motivo de competição. Tudo hoje em dia é performance, até o número de atos falhos. Sim, mas e o silêncio? O que fazer com ele? Quem nos dá a resposta é o psicanalista e psiquiatra J.D. Nasio, que escreveu e compilou uma série de artigos sobre o tema em *O silêncio na Psicanálise*, obra profunda e, ainda assim, acessível aos leigos. Sua declaração inicial, já coloca por terra a obsessão por mais e melhores palavras da minha citada amiga: “O silêncio está sempre presente numa sessão de análise, e seus efeitos são tão decisivos quanto os de uma uma palavra efetivamente pronunciada. Silêncio do paciente ou do analista, silêncio crônico ou

efêmero, silêncio de resistência ou de abertura do inconsciente, ele constitui um fato analítico de primeira importância no desenrolar de um tratamento e coloca aos clínicos um problema de técnica psicanalítica, tão antigo quanto o da livre associação.” Nasio reúne aqui ensaios clássicos sobre o tema. É o caso de *No início é o silêncio*, do austríaco Theodor Reik, de 1926. Texto essencial e pioneiro. Reik nos lembra o quanto a ausência de palavras é um tabu numa sociedade viciada em ouvir sua própria voz e nos lembra que “O analista não escuta somente o que está nas palavras, ele escuta também o que as palavras não dizem. Escuta com a ‘terceira orelha’, escutando o que dizem o paciente e suas próprias vozes interiores, o que surge de suas profundezas inconscientes. Um dia

Mahler fez esta reflexão: ‘Em música, o mais importante não está na partitura’. O mesmo vale para Psicanálise, o que não é dito não é o mais importante”. Então, nos momentos em que as palavras faltarem, relaxe e faça como aquele clássico da pista de dança do Depeche Mode, *Enjoy the silence*. Aproveite o silêncio.



PSICANÁLISE

O silêncio na Psicanálise
Autor – J. -D. Nasio
Editora – Zahar
Preço – R\$ 32
Páginas – 264

Mariza Pontes

NOTAS DE RODAPÉ

PRECONCEITO

Impedida, em BH, exposição de obra de designer pernambucana selecionada em concurso de arte

Cultura de Massa (foto), da designer Jaíne Cintra, publicada no **Pernambuco** em 2009, uma das 12 selecionadas entre 132 concorrentes para compor o Mural Templuz, painel gigante em movimentada esquina de Belo Horizonte, foi vetada pelo Conselho Ético do grupo empresarial responsável pelo projeto, por apresentar uma mulher negra com o rosto coberto de massa. A alegação,

desrespeitando a decisão dos cinco jurados das áreas de design, artes e comunicação, foi que a peça poderia ofender a população negra, já que ela ficaria exposta na rua e o público não teria tempo de “julgar seu conteúdo”. A autora considera que houve preconceito e que a decisão impediu o acesso do público à obra por desacreditar de sua capacidade de reflexão.

JAÍNE CINTRA/ACERVO PERNAMBUCO

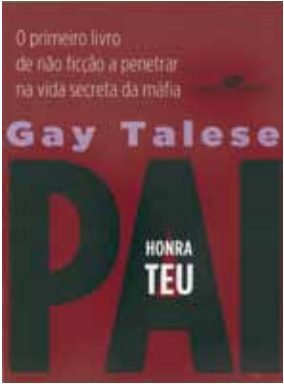




O fetiche dos mafiosos

Qual o melhor ângulo para você começar uma obra a respeito do poderio da máfia? Para o pai do famigerado “novo jornalismo”, o norte-americano Gay Talese (foto), o ponto de vista dos porteiros nova-iorquinos. É claro. Vejam só: “Os porteiros de Nova York sabem que uma pessoa pode ver demais e por isso a maioria deles adquiriu uma extraordinária capacidade de visão seletiva: sabem o que devem ignorar, quando é conveniente ser bisbilhoteiro ou, ao contrário, displicente; se ocorrem acidentes ou discussões bem na frente de seus edifícios, a maior parte das vezes estão lá dentro e nada veem”. É a capacidade de observação letal de Talese que faz dessa obra um objeto de interesse até por quem nunca se preocupou com a iconoclastia dos famosos criminosos

gringos. “Homens com cachorro chamam menos atenção”, nos aponta o autor, em outra das suas tiradas certeiras sobre o (previsível?) comportamento humano. Com esse livro, ele volta a nos lembrar que escrever bem implica também em ser um bom *voyeur* do mundo ao redor. **(S.C.)**



REPORTAGEM
<i>Honra teu pai</i>
Autor – Gay Talese
Editora – Companhia das Letras
Preço – R\$ 55
Páginas – 510



Poesia é quintal do mundo

A coleção *Âs de Colete*, bem-sucedida parceria entre a Cosac Naify e a Editora 7 Letras, sempre nos aproxima do melhor que a poesia contemporânea brasileira tem oferecido. Seus títulos são uma espécie de selo de qualidade para quem quer investigar os caminhos dos nossos poetas. É o caso de *Trans*, novo trabalho do escritor paraense Age de Carvalho. Sua obra tem lampejos de incrível força poética, que facilmente nos arrebatam, como “Lançada a moeda/ para o alto: eis/ o tempo/ que te resta, / tempo para apostar/ na resposta,/ a mão e a chave postas/ sobre a mesa” ou “o barro intacto, tua mão estrelada,/ tua alegria e excremento/ quente sobre a terra/ restituídos, /desfeitas cama e maca,/ adiado o bote, a onça presa/ novamente ao Mais-Que-Agosto,/ de

volta ao círculo/ quando voltaste/ a ti”. Sua Belém, claro, aparece nos seus versos, mas longe de qualquer regionalismo. Suas origens aqui viram uma espécie de quintal do mundo. O autor também é designer gráfico e atua em várias revistas austríacas e alemãs como diretor de arte. **(S.C.)**



QUADRINHOS
<i>Trans</i>
Autor – Age de Carvalho
Editoras – Cosac Naify e 7 Letras
Preço – R\$32
Páginas – 87

PRATELEIRA

FENOMENOLOGIA DA OBRA LITERÁRIA

Clássico dos estudos de teoria literária, o livro da professora Maria Luiza Ramos, escrito há mais de 40 anos, ganha segunda edição, caracterizada pela mudança do enfoque teórico. Se antes ela se baseava na obra de Roman Ingarden, a edição revista enfatiza a fenomenologia segundo a ótica de Martin Heidegger, discutindo as diferentes manifestações da temporalidade. Ela defende a necessidade de não se buscar o sentido da obra, mas de traçar-lhe um sentido com base não só nos seus elementos intrínsecos, mas também nos dados históricos que a produziram.



Autora: Maria Luiza Ramos Cardoso Lago
Editora: UFMG
Páginas: 251
Preço: R\$ 47

MINHA FAMÍLIA É COLORIDA

Destinado ao público infantil, o livro aborda as relações familiares e a pluralidade cultural através da família do menino Ângelo, apresentada pela autora carioca, onde se misturam diversas características raciais, o que leva o jovem leitor a desvendar a riqueza existente na mescla de etnias, hábitos e tradições. A obra foi uma das escolhidas pela editora para desestimular o preconceito racial entre as crianças.



Autora: Georgina Martins
Editora: Edições SM
Páginas: 48
Preço: R\$ 28

O SEGREDO DE 2012

Nesses tempos de terremotos e tsunamis, quando muitos temem o fim do mundo, vale a pena ler a interpretação do autor espiritualista. Pesquisando por mais de 20 anos a cultura Maia, Braden concluiu que este povo dividiu o tempo fractal em uma série de calendários e via 2012 como a passagem para um novo ciclo da história, em que a humanidade poderá

alcançar seu potencial máximo. A força do pensamento positivo seria a maneira de evitar os desfechos previstos.



Autor: Gregg Braden
Editora: Cultrix
Páginas: 248
Preço: R\$ 39

HIEROFANIA- O TEATRO SEGUNDO ANTUNES FILHO

O autor pesquisou o método criado por Antunes Filho, analisando desde suas referências estéticas até os resultados nos palcos. *Hierofania* retrata, a partir de uma perspectiva histórica, o sistema e o método elaborados por Antunes para o desenvolvimento do potencial expressivo do artista, sempre fundamentados na ideologia de que é preciso formar e transformar o ser humano para que se forme o ator e que o fazer teatral é uma profissão de fé e o palco, um lugar para o sagrado.



Autor: Sebastião Milaré
Editora: Sesc SP
Páginas: 416
Preço: R\$ 85

CONVÊNIO

Brasil vai criar um cadastro nacional de livros

A Câmara Brasileira do Livro e a Federação de Grêmios de Editores da Espanha assinaram convênio que vai permitir a criação de um Cadastro Nacional de Livros no Brasil. A iniciativa tem apoio da Biblioteca Nacional e da Associação Nacional de Livrarias, que também assinaram o acordo. O Cadastro Nacional de Livros será baseado na plataforma espanhola Dilve: Distribuidor de Informação do Livro Espanhol em Venda.

ARTE POSTAL

Universo do Cordel é tema de mostra na Bélgica

A Literatura de Cordel é o tema da Exposição Internacional de Arte Postal, em outubro, na Bélgica, parte da Europalia-Brasil e da III Bienal de Artes Brasileiras de Bruxelas. A promoção é da Casa do Livro de Saint-Gilles, de Bruxelas. Os artistas podem usar o Cordel em poesia, xilogravura, pintura, desenho, folheto etc. As inscrições vão até 20 de setembro, no site www.bienalbrasileiradebruxelas.be.

MATEMÁTICA

Malba Tahan será homenageado na Fliporto

O autor de *O homem que calculava*, professor e escritor Júlio César de Mello e Souza, famoso com o pseudônimo de Malba Tahan, que revolucionou o ensino da Matemática no Brasil, nos anos 1950, tornando a matéria atraente, será homenageado este ano na Fliporto. Uma reedição dos seus livros infantis será lançada em novembro na feira internacional, em Olinda.

MEMÓRIA

Xico Sá

HALLINA BELTRÃO



Com Greta Garbo esperando o bacurau

Largado no batente do Bar Savoy, bêbado e louvando um vago decadentismo que só o Recife dos anos 1980 permitia, esperava o bacurau para o Engenho do Meio recitando baixinho, só para mim mesmo, o *Soneto para Greta Garbo*, de Carlos Pena Filho, aquilo me acalmava como uma reza, um mantra, engov lírico contra a angústia e os biliares bueiros internos:

“Entre silêncio e sombra se devora
e em longínquas lembranças se consome
tão longe que esqueceu o próprio nome
e talvez já não sabe por que chora”.
Toda uma Caxangá pela frente. A
avenida mais comprida que a vida eterna.
Quem manda querer ser poeta e se achar
o próprio *flâneur* do século 19! Agora
segure a onda, seu xepeiro, que o pão-
com-ovo é tua antilírica na ressaca de
amanhã.

Jaci Bezerra e Alberto da Cunha Melo, generosos bardos que me bancavam a cachaça e o ponche, eram os culpados. De um dos dois – a memória carcomida pela maresia como aro de bicicleta não me permite a resposta exata –, ganhei o *Livro geral* de Carlos Pena Filho. Culpados. Duplamente culpados. Fora aquele Mário Faustino que furtei não me recordo de qual dos dois amigos que me facilitavam o bandejão poético e dionisíaco.

O soneto de Greta Garbo no juízo e o telecoteco dos vendedores de chá e café na madrugada. Baticum nas caixinhas de madeira, um jazz dos infernos. Um pastor ao longe, na pracinha do *Diário*, tentando salvar o Recife da venérea, do excesso de poesia e da pouca-vergonha avulsa que emerge naqueles minutos finais do escuro antes da aurora.

O coco grudado no cimento do Savoy, viajava: aqui pisaram os sapatos azuis do sonetista. Os outros 29 homens sentados não importam, que se danem com seus copos de chopp, seus desejos presos, seus sonhos frustrados. Quem são esses caras diante de Carlos, meu velho?

Naquele tempo todo mundo era poeta na cidade e não havia mal algum nisso. Uns mais, outros menos. Uns conservadores na vida e malditos na linguagem; outros vira-latas de rua e caretas nos poemas. De tudo um pouco, como no batismo daquele famoso prato de iguarias do Buraco de Otilia –o item do famoso cardápio que levou o filósofo Jean-Paul Sartre, na sua visita a Pernambuco, a desmanchar todo o seu existencialismo numa febril diarreia à chicotinho.

E esse bacurau que não chega. *O soneto de Greta Garbo* na ampulheta:

“Perdido o encanto de esperar agora
o antigo deslumbrar que já não cabe
transforma-se em silêncio por que sabe
que o silêncio se oculta e se evapora.”

Se ao menos tivesse um trocado para uma cerveja ou uma cana. Se ao menos tivesse ainda ali por perto, na praça do Sebo, a musa do amendoim, aquela branquinha com feições de Nastassia Kinski. Os velhos poetas babavam por aquela menina. Não era para o meu bico. A tarde havia sido linda. Pedro Américo, que dizia ser melhor sebista do que ser besta, sacou um poema concreto. Os artistas Paulo Bruscky e Daniel Santiago mandaram sangue de tinta nas paredes e outras invenções que os meninos espanhóis de La Fura Dels Baus viriam a fazer quase 20 anos depois.

E ainda dizem que não acontecia nada no Recife dos anos 1980!

Não acontecia comigo naquele “liseu” dos infernos. Tudo parado. Nenhum cristão conhecido para pagar uma birita. Nada de bacurau, só Pena Filho agonizando o juízo. E uma vida eterna e caxanguística pela frente. Só me restava a companhia de Greta Garbo, que também se esquivava, no seu enjoado *i want to be alone*, esperneando dentro do poema de Pena Filho como caranguejos que borbulham no mangue.

Nem Greta Garbo esperou o bacurau comigo, ignorando a própria decadência bem comportada da qual falou o seu fã sonetista.

“Esquiva e só como convém a um dia despregado do tempo, esconde a tua face que já foi sol e agora é cinza fria”.

Será que já abriu o Beco da Fome, ali na 7 de Setembro, quem sabe aquela espelunca que faz “pindura” pros poetas independentes, quem sabe? Tudo. Menos enfrentar agora aquele pão-com-ovo da Casa do Estudante.

Socorro, Greta Garbo, salta deste soneto, miserável, e faz alguma coisa por quem deseja qualquer esmola de afeto, um afago, o último trago, um bolero, o cafuné de um travesti ali da Casa da Cultura, um beijo da mais revoltada das fêmeas, as vadiagens de Perna Longa, aquela puta linda e grávida do Aritana, sim, aquela que adora fumar um e ouvir Sade comigo, cadê, larga esse papo-aranha de ficar solita, pula da armadura destes 14 versos e sente o cheiro dos bueiros do meu inferno predileto, bem-vinda ao Hellcife:

“Mas vê nascer da sombra outra alegria como se o olhar magoado contemplasse o mundo em que viveu, mas que não via.”

SOBRE O AUTOR

Xico Sá é escritor e jornalista, autor de *Se um cão vadio aos pés de uma mulher-abismo* (editora do Bispo), entre outros